

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**CLARICE FORTUNATO ARAÚJO**

**NEM DO CRAVO, NEM DA CANELA: O ENTRE-LUGAR DA  
MULHER MESTIÇA EM GABRIELA DE JORGE AMADO.**

**Florianópolis  
2014**

**CLARICE FORTUNATO ARAÚJO**

**NEM DO CRAVO, NEM DA CANELA: O ENTRE-LUGAR DA  
MULHER MESTIÇA EM GABRIELA DE JORGE AMADO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Junqueira de Lima Costa.

**Florianópolis  
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Araujo, Clarice Fortunato

Nem do cravo, nem da canela: : O entre-lugar da mulher  
mestiça em Gabriela de Jorge Amado / Clarice Fortunato  
Araujo ; orientadora, Claudia Junqueira de Lima Costa -  
Florianópolis, SC, 2014.

84 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Literatura. 3. Gênero. 4. Raça. 5.  
Mestiçagem. I. Costa, Claudia Junqueira de Lima. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Literatura. III. Título.

Clarice Fortunato Araújo

**NEM DO CRAVO, NEM DA CANELA: O ENTRE-LUGAR DA MULHER MESTIÇA  
EM GABRIELA DE JORGE AMADO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Florianópolis, 27 de março de 2014.

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Lucia de Barros Camargo, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Claudia Junqueira de Lima Costa, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Simone Pereira Schmidt, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Rosana Kamita, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Christian Muleka Mwewa, Dr.  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Dedico este trabalho a meus pais Vicente Fortunato Araújo e Edna Assis Vieira (*in memoriam*); e a Maria Aparecida Zunino, minha segunda mãe.

## AGRADECIMENTOS

Ao escrever estes agradecimentos me dou conta de como sou privilegiada por ter pessoas tão extraordinárias compartilhando conhecimentos comigo; não só conhecimento, mas amizade, generosidade e companheirismo. O curso de mestrado me presenteou com amizades valiosas que vou levar para toda vida, mesmo que, porventura, muitas delas sigam caminhos distintos, a chama da amizade que uniu nossos corações jamais se apagará.

Agradeço, primordialmente, a minha orientadora Claudia Lima Costa, por acreditar e me dar a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e pela valiosa contribuição teórica. À professora Simone Schmidt, que desde a graduação me inspira, pelos fecundos debates promovidos em suas disciplinas: são “vozes mulheres” que costuram e sustentam esta dissertação. À Universidade Federal de Santa Catarina e a CAPES, pelo suporte financeiro, muito importante para que eu tivesse a tranquilidade de concluir com êxito este curso.

Aos colegas de curso, que se tornaram amigos valorosos, o meu agradecimento. Cleuza Soares, um ser humano incrível, sempre disposto a me incentivar. Um agradecimento especial para Edelu Kawahala, pessoa iluminada e cheia de axé, que me deu ajuda emocional e dividiu comigo seus saberes. Sou muito grata ao Dr. Sérvulo Figueira, pelo apoio, pelas conversas inspiradoras e cheias de provocações sobre o meu tema. Aos amigos/irmãos/amores Jefferson Bruno Moreira, Anderson Elias, André Félix Neto, João Zunino, longe ou perto, proporcionaram momentos únicos de descontração, deixando meus dias mais leves, coloridos e alegres: amo vocês! Diane Balbinot, uma das pessoas mais incríveis e generosas que já conheci, sempre paciente para ouvir e ajudar nos momentos mais difíceis. Aos familiares, que perdoaram minha ausência em momentos importantes como o Natal, Páscoa, aniversários: Gilda Zimmermann, Cristiane Araújo, Mareli F. Zimmermann, Rildo Araújo.

Por último, mas o mais importante e de todo coração é o meu eterno reconhecimento a Maria Aparecida Zunino, sem dúvidas, umas das pessoas mais especiais da minha vida, minha segunda mãe e maior inspiração. A primeira pessoa a acreditar e apostar nos meus sonhos, antes mesmo de mim. Gratidão e amor incondicional por você!



“Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido”.

(Rubem Alves)

## RESUMO

Esta dissertação faz uma abordagem sobre a representação da mulher mestiça na literatura, por meio da personagem central do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado (1958). É importante investigar a retratação da mulher afro-brasileira na literatura porque os padrões aí apresentados são reproduzidos socialmente. A representação deturpada do negro na mídia generaliza a discriminação racial, fator determinante da desigualdade social no Brasil, um país amplamente miscigenado. Este estudo é muito oportuno, num momento de acirramento nas discussões em torno do estabelecimento das ações afirmativas, com cotas raciais nas universidades públicas do país. Até muito recentemente, a presença de negros e mulatos era praticamente nula na literatura e demais mídias, com exceção para vagas aparições, como coadjuvantes ou antagonistas. Atualmente, tem se fortalecido os debates sobre a importância de se resgatar a história e a cultura dos afrodescendentes, o que pode ser considerado um avanço, ainda que tardio. Por último, e igualmente relevante, é preciso destacar as categorias gênero e classe, como fatores determinantes para discutir as questões raciais no Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura. Gênero. Raça. Mestiçagem.

## ABSTRACT

This paper presents an approach about the representation of women of mixed race in literature, through the main character of the novel "Gabriela, cravo e canela" by Jorge Amado (1958). It is important to investigate the portrayal of African-Brazilian women in literature because the patterns presented there are socially played back. The misrepresentation of black people on the media generalizes racial discrimination, a determinant factor of social inequality in Brazil, a country widely mixed. This study is very timely, at a time of discussion intensification around affirmative action establishment, with racial quotas in public universities in the country. Until very recently, the presence of black people and mulattos were virtually zero in literature and other media, except for vague appearances, as adjuncts or antagonists. Currently, the debate on the importance of rescuing African descent history and culture has strengthened, which can be considered a breakthrough, albeit late. Finally, and equally important, the categories gender and class must be highlighted as determinant factors to discuss racial issues in Brazil.

**Keywords:** Literature. Genre. Race. Mixture of races.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Definição de cor ou raça.....                       | 18 |
| Figura 2 – Declaração de ocupação das mães.....                | 21 |
| Figura 3 – Influência da cor da pele na vida das pessoas ..... | 23 |
| Figura 4 - Retirantes .....                                    | 36 |
| Figura 5 - Mestiço.....  | 58 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>1 AQUI TODO MUNDO TEM O PÉ NA SENZALA: RAÇA E RACISMO<br/>NO BRASIL.....</b>                                    | <b>17</b> |
| 1.1 RAÇA NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA.....  | 17        |
| 1.2 RACISMO E MÍDIA.....   | 24        |
| <b>2 A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM <i>GABRIELA, CRAVO E<br/>CANELA</i>.....</b>                                   | <b>36</b> |
| 2.1 <i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> E OUTRAS MULHERES AMADIANAS.....   | 46        |
| 2.2 INTERFACES DE GABRIELA: LEITURAS PÓS-COLONIAIS DE UM<br>MITO E SUAS TRADUÇÕES.....                             | 51        |
| <b>3 (DE)SABORES, CHEIROS E CORES: O MITO DA MULATA NA<br/>CULTURA BRASILEIRA: GÊNERO, RAÇA, E MESTIÇAGEM.....</b> | <b>58</b> |
| 3.1 MESTIÇAGEM: UM LUGAR DE CONFLITOS.....   | 58        |
| 3.2 MULATA: UM CENTRO DE CRUZAMENTO ENTRE AS CULTURAS.....   | 66        |
| 3.3 A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO DA MULATA.....  | 68        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>74</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>76</b> |
| <b>ANEXO 1.....</b>  | <b>81</b> |
| <b>ANEXO 2.....</b>  | <b>84</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz uma abordagem da representação da mulher mestiça na literatura, no caso, o livro *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, publicado em 1958. O estudo terá como foco a construção da identidade mestiça de Gabriela e suas complexidades, partindo de informações das personagens, buscando entender a mitificação relacionada à figura da mulata<sup>1</sup> na literatura brasileira e seus efeitos na condição social das mulheres negras e mestiças no Brasil. Muitas são as razões pelas quais um pesquisador se interessa por desenvolver uma pesquisa. Algumas vezes o que instiga a investigação de um determinado tema é a sua atual relevância social ou mesmo a necessidade de uma exploração teórica mais aprofundada do objeto. No caso desta dissertação, a vontade de desenvolver uma pesquisa sobre esse assunto tem uma razão bastante pessoal, já que nasceu da minha experiência, enquanto mulher negra, leitora de obras literárias, interessada em discutir questões de raça, gênero e classe.

Sem dúvida, é considerável o aumento de pesquisas sobre a representação da mulher negra na mídia. Contudo, esse é, ainda, um tema muito fecundo, cuja relevância se reforça com a polêmica da implantação das cotas raciais nas universidades públicas no Brasil. Este trabalho, então, tem o objetivo de ampliar esses debates e promover novas discussões, com o fim de romper com os estereótipos negativos associados às mulheres negras e mulatas.

A complexidade deste tema requer uma abordagem cuidadosa de questões como mestiçagem, gênero, raça e classe. Embora *Gabriela, cravo e canela* não se classifique como literatura pós-colonial, este estudo ancora-se nos estudos pós-coloniais para situar as discussões propostas. Logo, minha leitura sobre o romance

---

<sup>1</sup> Usarei, comumente, o termo “mulata”, no entanto, também usarei mestiça como sinônimo.

é uma leitura “pós-colonial,<sup>2</sup>” porque os estudos pós-coloniais constituem-se em uma tentativa de entender os efeitos da descolonização que marcou, de formas muito diferentes, tanto os colonizados como os colonizadores, em outras palavras, é uma revisão dos processos de colonização a partir de um posicionamento crítico dos processos que envolvem a diferença cultural, autoridade social e discriminação política. Para Gayatri Spivak (2010, p. 14), em sua obra *Pode o subalterno<sup>3</sup> falar?*, “A tarefa do intelectual do pós-colonial deve ser a de criar espaço por meio dos quais o subalterno possa falar, para que quando ele o faça seja ouvido. [...] não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade”. No entanto, nos estudos pós-coloniais, por contar com estudos de diferentes áreas, a apresentação teórica não é uniforme, mas necessariamente híbrida e expressamente fragmentária, no sentido em que não se procura uma explicação totalizante, mas antes uma análise da variedade dialética de fatores. As diversas linhas e pontos de vistas sobre os fenômenos em causa foram conferindo a este campo de pensamento uma heterogeneidade que, por sua vez, traduz não só a diversidade de argumentos envolvidos e dos seus próprios autores, mas também a heterogeneidade conjugada entre os sistemas que lhe servem de base. Assim, as discussões desencadeadas pelos estudos pós-colonialistas apresentam um ponto de vista muito mais abrangente, pois fazem convergir um instrumental teórico que tenta revelar a

---

<sup>2</sup> Ao buscarmos uma definição e/ou conceito para a palavra “pós-colonialismo” não obteremos consenso ou clareza, pois este termo apresenta diferentes conotações, mas é possível dizer que ela surgiu da reflexão social, histórica e política e tem vindo, desde então a ser objeto de interessantes discussões teóricas enunciadas, a partir de diversas geografias sociais, territoriais e políticas. Dito isso, deixo claro que não é objetivo desta dissertação fazer uma discussão aprofundada sobre o pós-colonialismo, visto que o termo ‘pós-colonial’ é problemático e polissêmico, e sim, trazer como pano de fundo para situar as discussões aqui propostas.

<sup>3</sup> Segundo Spivak, “O termo subalterno descreve as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos do estrato social dominante” (p. 12).

contemporaneidade de maneira desmistificadora e des-hierarquizada que garanta direito de voz a sujeitos que nunca antes a tiveram.

Os trabalhos já desenvolvidos sobre as discussões desta pesquisa serão fundamentais para o êxito dos debates propostos. Para sustentar as explanações sobre raça/racismo serão tomados, como base, os estudos de Kabengele Munanga, Sueli Carneiro, Edward Telles, Carlos Alfredo Hasenbalg e Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. Sobre gênero e mestiçagem serão valorosos os estudos de Sonia Maria Giacomini; Mariza Correa que, em *Sobre a invenção da mulata*, traz a figura mítica da mulata numa discussão sobre a relação entre raça e gênero; Miguel Vale de Almeida, Sandra Azeredo, Ângela Gilliam e Onik"ª Gilliam. Os estudos de Walter Benjamin terão papel primordial para abordar os temas como tradução/adaptação. A fim de compreender a complexidade do conceito “pós-colonial”, serão tomados como base os artigos de Stuart Hall e Manuela Ribeiro Sanches, além de outros estudos, não menos importantes, que serão listados oportunamente. Considerando que as categorias raça, gênero e classe atravessam as discussões propostas neste estudo, tem-se o seguinte questionamento para direcionar esta pesquisa: Como é a representação da mulata na literatura? Quais os efeitos sociais dessa representação?

Os objetivos gerais deste estudo é investigar a representação da mulata na literatura, as prováveis contribuições dessa representação para a manutenção do racismo e dos mitos associado à mestiça, que a colocam numa condição de objeto de prazer e cobiça masculina. Analisar as formas de definir, figurar e representar as mulheres através de discursos e representações e, a partir disso, discutir estratégias para tentar reconhecer e romper processos de subalternização feminina, identificando e desconstruindo estereótipos – hipóteses que ajudam a fortalecer estratégias políticas, levando em conta o pensamento dos estudos feministas.



Os objetivos específicos consistem em: 1) fazer uma análise crítica do romance *amadiano*, observando o contexto histórico e o perfil fenotípico da personagem principal; 2) discutir as desigualdades raciais no Brasil, com enfoque na representação da mulata na literatura brasileira; 3) discutir a construção da identidade mestiça na contemporaneidade, no caso específico, o Brasil; 4) dialogar com os estudos que articulam gênero e raça na contemporaneidade, com o intuito de perceber se estas teorias possuem um arcabouço capaz de compreender as relações raciais no Brasil.

Para alcançar os objetivos almeçados, utilizou-se como metodologia uma pesquisa bibliográfica, ao buscar em livros, revistas digitais e artigos o embasamento teórico necessário ao estudo. Além disso, uma análise textual atenta, a fim de inferir nas entrelinhas da obra, informações relacionadas à figura da mulata, principalmente na personagem Gabriela.

Com o intuito de melhor situar o leitor, esta dissertação está dividida em três capítulos, os quais buscam trazer informações suficientes para entender como é representada a mulata brasileira e as questões de gênero e raça que envolvem o assunto. O primeiro capítulo faz um estudo acerca dos conceitos raça e racismo em âmbito brasileiro, destacando-se o conceito de raça e racismo na construção da nacional. Nesse capítulo será abordada, ainda, a presença do racismo na mídia brasileira, assunto bastante pertinente para fazer a análise principal.

O segundo capítulo foca o livro centro deste estudo, *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, descrevendo o livro e caracterizando o autor, bem como as personagens femininas, ao mesmo tempo em que se discute a representação da mulata na literatura brasileira, as leituras pós-coloniais de um mito e suas traduções. No terceiro capítulo o estudo volta-se para o mito da mulata na cultura brasileira, considerando gênero, raça e mestiçagem. Inicia-se discutindo os aspectos da mestiçagem no Brasil. Depois será abordada a visão da mulata no

imaginário brasileiro, bem como a objetificação do corpo das mulheres negra e mestiça. Para concluir, nas considerações finais, são apresentadas algumas reflexões sobre as discussões feitas nesta dissertação, sem fechar as possibilidades de novas questões que possam enriquecer os debates do mesmo tema.

# 1 AQUI TODO MUNDO TEM O PÉ NA SENZALA: RAÇA E RACISMO NO BRASIL

## 1.1 RAÇA NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA

O que significa ser “branco”, ser “negro”, ser “amarelo” e ser “mestiço” ou “homem de cor”? Para o senso comum, essas denominações parecem resultar da evidência e recobrir realidades biológicas que se impõem por si mesmas. No entanto, trata-se, de fato, de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização, apesar da nossa percepção da diferença situar-se no campo do visível. (MUNANGA, 2008a, p. 18).


A diversidade da espécie humana é um fato cientificamente comprovado e, segundo LÉVI-STRAUSS (1952, p. 1), “falar da contribuição das raças humanas para a civilização mundial poderia assumir um aspecto surpreendente numa coleção de brochuras destinadas a lutar contra o preconceito racista”.

Ao longo da história, a humanidade foi classificada pelos critérios de semelhança e diferença, e o conceito de raça passou a operar efetivamente nas relações sociais, até que, no século XX, quando depois de uma vasta pesquisa genética a ciência biológica concluiu que a espécie humana não pode ser biologicamente dividida em raças. Por ser uma categoria problemática, definir o conceito de raça se faz primordial para as discussões que se seguem. Sabe-se que, cientificamente, a classificação dos indivíduos em raças, com base em critérios biológicos, não se aplica. Todavia, essa categoria é bem marcada nas relações sociais. Sobre essa problemática na definição racial, Kabengele Munanga, antropólogo, escritor (2004, p. 52) esclarece:

[...] num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro.

Os dados apresentados na Figura 1 são do censo de 2008, que questionou por quais critérios as pessoas, em geral, definem cor ou raça. Os resultados mostram que tanto os brancos quanto os negros definem raça pela cor da pele, ambos com percentuais praticamente iguais, 83,5% para os primeiros, e 83,7% para os segundos.

**Figura 1 – Definição de cor ou raça**

| Tabelas de resultados  |   |  |       |       |       |         |          |        |
|--|---|---|-------|-------|-------|---------|----------|--------|
| <b>Tabela 2.13 - Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça , segundo as Unidades da Federação selecionadas e as dimensões pelas quais as pessoas, em geral, definem cor ou raça - 2008</b> |   |   |       |       |       |         |          |        |
| Unidades da Federação selecionadas e dimensões pelas quais as pessoas, em geral, definem a própria cor ou raça   | Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça (%) |   |       |       |       |         |          |        |
|  | Branca  | Morena  | Parda | Negra | Preta | Amarela | Indígena | Outras |
| <b>Total</b>   |   |   |       |       |       |         |          |        |
| Cultura, tradição  | 26,7  | 28,7  | 30,8  | 26,6  | 43,8  | 34,0    | 40,8     | 25,4   |
| Traços físicos (cabelo, boca, nariz, etc.)   | 60,2  | 54,4  | 60,4  | 59,1  | 53,8  | 54,4    | 58,9     | 43,1   |
| Origem familiar, antepassados  | 48,7  | 48,0  | 47,6  | 44,8  | 31,8  | 46,7    | 54,6     | 48,3   |
| Cor da pele  | 83,5  | 81,1  | 82,8  | 83,7  | 82,9  | 66,7    | 63,6     | 73,3   |
| Opção política/ideológica  | 3,5   | 4,3   | 4,4   | 4,3   | 6,2   | 6,9     | 0,3      | 4,2    |
| Origem socioeconômica ou de classe social  | 26,1  | 24,4  | 32,3  | 32,5  | 15,7  | 32,6    | 10,3     | 26,3   |
| Outra  | 0,9   | 0,4   | 0,4   | 0,2   | 1,6   | 1,2     | 1,7      | 1,6    |

Fonte: IBGE (2008).

Diferentemente do que acontece nos Estados Unidos, no Brasil a divisão racial é definida de acordo com a cor da pele e traços fenotípicos, e não considerando a herança genética. Raça é uma construção política e social, como afirma Stuart Hall:

[Raça] É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão - ou seja, o racismo. [...] Daí que nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas são “materializadas” e podem ser “lidas” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as feições do rosto. (HALL, 2006, p. 66-67).

Muito se tem pesquisado sobre a formação racial brasileira, tanto pesquisadores daqui como estrangeiros têm desenvolvido trabalhos que muito contribuíram para aprofundar as questões de raça no Brasil, um país com uma população culturalmente e racialmente diversa. Um destes estudos em especial ancora as discussões sobre raça que se seguirão – é o texto intitulado *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*,<sup>4</sup> de Kabengele Munanga (2003), porque contempla muitas das questões relacionadas ao tema “raça”. Assim sendo, vejamos como se deu a origem do termo “raça” e algumas das principais versões para classificar a espécie humana.

A palavra raça vem do latim *ratio*, que significa sorte, categoria. No latim medieval, o conceito de raça era utilizado para classificar uma descendência; já em 1684, o francês François Bernier utilizou o termo para classificar grupos de pessoas diferentes fisicamente. Com isso, entre os séculos XVI-XVII, a palavra raça passou

---

<sup>4</sup> Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Texto disponível no formato digital no link <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

a ser utilizada pelos nobres franceses em oposição à população local chamada plebe. Os nobres franceses se intitulavam como Francos, de raça sangue puro, enquanto a plebe era denominada de Gauleses, que por serem de raça inferior poderiam ser escravizados. A partir do século XVIII, o conceito de raça se ampliou para nomear os outros seres que integravam a antiga humanidade, lançando a “História Natural da Humanidade”, hoje Biologia e Antropologia Física. Neste século, a cor da pele foi o principal critério utilizado para distinguir as raças, sendo divididas em raça branca, negra e amarela.

No século seguinte, além da cor, outros critérios morfológicos foram acrescentados para classificar a raça como o formato do nariz, lábios, crânio e outros. Já no século XX, foi descoberto que havia no sangue critérios químicos mais contundentes para definir a divisão da humanidade em raças. Dessa forma, a união da cor, os critérios morfológicos e químicos deram origem às raças e sub-raças.

Conforme as teorias científicas sobre raça começam a ser desacreditadas, o Estado Brasileiro começa a promover uma autoimagem de democracia racial baseada na miscigenação, em uma grande dose de cultura africana e em uma aversão ao racismo. Estes fatores se tornariam centrais para a identidade nacional brasileira. O país enfatizaria uma integração racial, ainda que a partir de um senso mais abstrato de comunidade, nação e cultura, mais do que através da inclusão social ou pelo senso de igualdade de oportunidades. (TELLES, 2003, p. 186).

Nos dias atuais, a nova percepção de raça é um conceito controverso e ideologicamente marcado, que dissimula a relação de poder e dominação em que os indivíduos de raça branca são considerados superiores que os das demais raças. No Brasil, de acordo com esta escala que classifica sua população de acordo com a concentração de melanina na pele, os negros ocupam o último lugar. Nesse caso,

além do mito de que seriam intelectualmente inferiores ao branco, essa dominação é consequência do longo período de exploração a que foram submetidos.

Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos. (MUNANGA, 2003, p. 10-11).

No Brasil, os censos e pesquisas amostrais referentes à sua população demonstram as desigualdades raciais que caracterizam a população. Os resultados podem variar por não haver um consenso em relação às características de cada raça, e pelo fato de o próprio indivíduo se declarar pertencente a este ou àquele grupo, de acordo com suas convicções, e há casos em que a própria pessoa não consegue distinguir a que raça pertence.

**Figura 2 – Declaração de ocupação das mães**

| Posição na ocupação das mães aos 15 anos de idade do filho, conforme declaração do próprio |  | Distribuição percentual das mães dos entrevistados, por cor ou raça da mãe declarada pelo filho (%) |        |       |       |       |         |          |        |
|--|--|---|--------|-------|-------|-------|---------|----------|--------|
|  |  | Branca  | Morena | Parda | Negra | Preta | Amarela | Indígena | Outras |
|  |  | <b>Rio Grande do Sul</b>  |        |       |       |       |         |          |        |
| <b>Total</b>   |  | 100,0   | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0   | 100,0    | 100,0  |
| Empregado, setor privado, com carteira de trabalho assinada                                |  | 22,7  | 17,5   | 18,1  | 29,7  | 21,1  | 35,2    | 20,0     | 15,1   |
| Empregado, setor privado, sem carteira de trabalho assinada                                |  | 5,3   | 3,7    | 2,9   | -     | 8,1   | -       | 9,3      | 3,2    |
| Militar ou empregado do setor público  |  | 8,7   | 2,0    | 10,0  | 8,3   | 7,8   | -       | -        | 5,3    |
| Trabalhador doméstico  |  | 13,0  | 24,2   | 22,3  | 43,9  | 59,0  | 18,4    | 26,2     | 9,0    |
| Conta própria  |  | 22,7  | 22,3   | 32,0  | 13,7  | 0,1   | 3,3     | 25,2     | 34,3   |
| Empregador   |  | 2,0   | 3,6    | 1,9   | -     | -     | -       | -        | 0,6    |
| Não remunerado   |  | 17,1  | 15,5   | 9,6   | 2,0   | 3,9   | 12,0    | 10,3     | 16,7   |
| Trabalhador na produção para o próprio consumo   |  | 8,6   | 11,2   | 3,1   | 2,4   | -     | 31,0    | 9,0      | 15,7   |

Fonte: IBGE (2008).

Os dados presentes na Figura 2 demonstram a proporção de ocupação da mãe, declarada pelo filho de 15 anos ou mais, por cor ou raça. Os percentuais apontam para um resultado parecido com o que é indicado nas pesquisas acadêmicas: 59% das mulheres cuja ocupação é empregada doméstica são pretas, e 43,9% negras. É um índice bem alto quando comparado à mulher branca, 13%. Em contrapartida, na posição de empregador, o número de mulheres pretas e negras é nulo. Esses resultados deixam evidentes os motivos pelos quais a mulher negra está no mais baixo nível das esferas sociais. A classificação em raças, mesmo de forma latente, garante o privilégio de uma raça dominante, que em sua maioria, nos países que passaram pelo processo de colonização, é formada por indivíduos não negros. Assim, nas perspectivas políticas e culturais das relações raciais é possível comprovar que o branco afirmou sua hegemonia à custa e em presença do negro:

(a) a discriminação e preconceito raciais não são mantidos intactos após a abolição, mas, pelo contrário, adquirem novos significados e funções dentro das novas estruturas e (b) as práticas racistas do grupo dominante branco que perpetuam a subordinação dos negros não são meros arcaísmos do passado, mas estão funcionalmente relacionadas aos benefícios materiais e simbólicos que o grupo branco obtém da desqualificação competitiva dos não brancos. (HASENBALG, 1979, p. 85).

A categoria raça, no entanto, deixa em evidência o racismo, negado, e seus efeitos danosos: a desigualdade social. Segundo Pinho e Sansone (2008, p. 32), “quando os movimentos sociais antirracistas resgatam o termo raça, trata-se da recriação de uma perspectiva de pensamento sim racializada, porém, visando à promoção do seu contrário, isto é, combate ao racismo e suas consequências deletérias”. Por mais que o termo raça, para definir indivíduos da mesma espécie de



acordo com critérios de cor, seja problemático, ele tornou-se fundamental tendo em vista as desigualdades sociais consequentes do racismo.

A cor da pele determina, de forma negativa, a vida das pessoas de pele escura. Esta realidade é confirmada pelos dados do mesmo censo de 2008, que questionava se a cor da pele influenciava a condição das pessoas entrevistadas.

**Figura 3 – Influência da cor da pele na vida das pessoas**

| Unidades da Federação selecionadas e áreas de inter-relação social em que a cor ou raça influencia a vida das pessoas no Brasil |  | Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça (%) |        |       |       |       |         |          |        |
|---|--|---|--------|-------|-------|-------|---------|----------|--------|
|   |  | Branca  | Morena | Parda | Negra | Preta | Amarela | Indígena | Outras |
| <b>Total</b>  |  |   |        |       |       |       |         |          |        |
| Casamento   |  | 37,8  | 37,2   | 38,4  | 44,1  | 42,3  | 40,2    | 38,9     | 40,9   |
| Trabalho  |  | 69,1  | 66,7   | 78,5  | 82,6  | 76,0  | 66,6    | 64,7     | 67,0   |
| Escola  |  | 56,4  | 56,3   | 67,8  | 70,8  | 60,3  | 60,1    | 69,7     | 59,7   |
| Atendimento à saúde   |  | 42,2  | 45,4   | 45,5  | 49,0  | 48,3  | 40,8    | 50,4     | 48,9   |
| Repartições públicas  |  | 48,7  | 50,0   | 57,2  | 60,0  | 60,6  | 50,6    | 58,6     | 54,0   |
| Convívio social   |  | 65,3  | 59,6   | 71,1  | 71,4  | 60,9  | 62,3    | 63,0     | 63,1   |
| Relação com justiça/polícia   |  | 69,3  | 61,4   | 73,3  | 76,0  | 67,8  | 72,9    | 59,0     | 64,2   |
| Outra   |  | 2,5   | 1,1    | 2,4   | 2,3   | 3,1   | 0,5     | 4,2      | 2,9    |

Fonte: IBGE (2008).

As amostras destacam que, em vários aspectos, a vida das pessoas é influenciada pela cor ou pela raça. A influência racial foi percebida, principalmente, nas dimensões do trabalho, da relação com a Justiça e a polícia, do convívio social e da escola. Novamente, os declarados pretos e negros sinalizam os mais altos índices de influência exercida pela cor.

A raça, como uma construção política, contribui no fortalecimento da luta do grupo negro, que busca por um fim nas práticas de preconceito racial e diminuir as discrepâncias sociais no país. O sucesso desta luta é importante para que se chegue a um único resultado: que todos sejam respeitados como seres humanos, independentemente de suas diferenças.

Com a prática das ações afirmativas, sobretudo com as cotas raciais, a discussão sobre essa classificação racial faz-se importante e necessária. Importante porque essas ações afirmativas são medidas que visam reparar e diminuir a evidente desigualdade presente na sociedade brasileira, na qual os negros estão nas camadas mais empobrecidas. Necessária pelas exigências legais, para assegurar que os sujeitos dessa desigualdade sejam, de fato, os beneficiários de conjunto de medidas que visam garantir o mesmo ponto de partida para todos.

## 1.2 RACISMO E MÍDIA

O racismo é a crença na superioridade que um grupo de indivíduos de pele clara “acredita” ter sobre os demais grupos. A partir das características fenotípicas, como cor da pele e alguns traços físicos, esses indivíduos são classificados como branco, negro, pardo, amarelo, até nos censos atuais. Essas classificações não têm valor científico, já que todos estes grupos de indivíduos são misturados geneticamente, e não existe, portanto, “raça pura”, entretanto, durante muito tempo, por se acreditar em uma suposta superioridade, os brancos escravizaram indivíduos de cor.

Se existem diferentes espécies de seres humanos, então deve haver uma aristocracia natural entre estas, uma espécie branca dominante em oposição às raças mais baixas, as quais, pela sua origem, se destinam a servir a nobreza da humanidade, e podem

ser subjugadas, treinadas, usadas como animais domésticos ou, conforme as circunstâncias serem cevadas ou utilizadas para experimentos fisiológicos ou outros, sem nenhuma compunção. Tentar conduzi-las a uma mais elevada moralidade, a um maior desenvolvimento intelectual seria tão descabido quanto esperar que limeiras pudessem, por cultivo, gerar pêssegos, ou que o macaco pudesse aprender por treinamento a falar. Sempre que as ameaças inferiores se revelem inúteis para o serviço do homem branco, elas devem ser abandonadas ao seu estado selvagem, consistindo este no seu fado e seu destino natural. (WAITZ apud YOUNG, 2005, p. 9).

Segundo Munanga (2003, p. 8), a primeira origem do racismo tem caráter religioso e deriva do mito bíblico de Noé, segundo o qual a diversidade humana era representada pelos três filhos de Noé: *Jafé*, ancestral da raça branca; *Sem*, ancestral da raça amarela e *Cam*, ancestral da raça negra. Segundo o mito, Cam foi amaldiçoado porque teria feito comentários desrespeitosos ao ver o pai, depois de uma jornada exaustiva para conduzir sua arca nas águas do dilúvio, dormir em uma posição indecente. Jafé e Sem não gostaram do tom de escárnio dos comentários e relataram o ocorrido ao pai, que amaldiçoou Cam e seus descendentes ao dizer: seus filhos serão os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos. Por causa de Cam, segundo essa teoria, a raça negra seria amaldiçoada e sofreria até os dias de hoje o peso da escravidão, seria uma raça inferior. Esta tese, com a qual a igreja certamente compactuou, justificou a opressão e a escravidão do povo negro. A segunda origem do racismo tem caráter científico e está ligada ao modernismo ocidental. De acordo com essa teoria, a classificação humana era baseada nas características fenotípicas, como cor da pele e os traços morfológicos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção e disseminação da ideologia racista, já que a biologia se estabelece como determinismo racial. "Uma vez que uma superposição bem definida de raças passa a existir, cria-se uma situação em que é bastante racional para seus

beneficiários tentar perpetuá-la”. Assim, independente do conteúdo irracional das crenças e das ideologias raciais, as práticas racistas podem ser racionais em termos da preservação da estrutura de privilégio e dominação dos brancos. No início do século XX, a Namíbia, um pequeno país no sul da África, era colônia alemã. Durante um conflito entre colonizador e colonizado, foram mortas 3.500 pessoas, entre 1904 e 1909. Inspirada pela teoria *eugenista*, ou seja, “higienização da raça”, que teve origem nos Estados Unidos, a Alemanha investiu em pesquisas que acreditavam na inferioridade das raças não brancas. Participante desse movimento, o pesquisador inglês Francis Gastón,<sup>5</sup> iniciou um estudo com os crânios dos namíbios mortos no massacre. Fundamentados nesta pesquisa, países como Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Grã-Bretanha passaram a esterilizar milhares de mestiços e deficientes físicos e promover a reprodução dos que eram considerados “puros”. Durante o cruel massacre, na Namíbia foi onde ocorreu o primeiro campo de concentração de que se tem conhecimento. O Eugenismo foi uma das teorias que serviram como fundamento para as atrocidades praticadas por Hitler, na Alemanha Nazista contra judeus, negros, mestiços e homossexuais, para evitar a contaminação da raça ariana. Conforme Munanga (2003), no ano de 1948, com a implantação do Apartheid na África do Sul – um projeto político baseado nas diferenças étnicas dos povos sul africanos – o racismo se reformulou e passou a ter como alvo os imigrantes dos países árabes, africanos e dos países de terceiro mundo.

---

<sup>5</sup> Pesquisador eugenista inglês (1822-1911), primo de Charles Darwin, pretendia provar que a mistura racial era ruim e pretendia desenvolver uma teoria para “limpar” o que considerava raças inferiores e multiplicar a raça branca purificada. Com tais argumentos, devidamente patrocinado pelos governos inglês e alemão, pretendiam justificar o bloqueio do grande fluxo de imigração que estava ocorrendo, principalmente, na Alemanha; temiam uma mistura racial generalizada. Baseados nas teorias eugenistas, países como Suécia, Estados Unidos, Grã-Bretanha, esterilizaram milhares de pessoas (doentes mentais e minorias étnicas).

No Brasil, algumas pessoas negam ou dizem desconhecer a existência do racismo. Tal afirmação se explica pelo fato de se naturalizarem o tratamento diferente relacionado às “pessoas de cor”. Na opinião de Joel Rufino, os flagrantes de racismo no Brasil se caracterizam pelos seguintes aspectos:

1) Quando surpreendidos numa situação de racismo, a reação é negação e de enfrentamento contra quem denuncia. Outra atitude frequente do racista é argumentar que não tem preconceito, mesmo porque tem amigos ou um familiar negro. 2) O preconceito racial, estrategicamente velado, vem à tona, comumente, em situações de conflitos ou competição/concorrência.<sup>6</sup> 3) Nos casos de falhas no cumprimento de uma tarefa. Espera-se que negros e mestiços cumpram corretamente os papéis que lhe é direcionado, caso falhem, lhes jogam na cara o suposto motivo do fracasso: a cor da pele. (1984, p. 41).

Diante dos aspectos enumerados por Rufino, de situações mais comuns em que o racismo é explícito, vem à lembrança outros exemplos que se tornaram máximas repetidas no caso do último aspecto, que diz respeito ao fracasso no cumprimento de uma tarefa: “*Só podia ser negro*”; “*É serviço de preto*”; “*Negro quando não c. na entrada, c. na saída*” etc.

Numa sociedade destas características, ser negro significa exibir os traços que lembram e remetem à derrota histórica dos povos africanos perante os exércitos coloniais e sua posterior escravização. De modo que alguém pode ser negro e não fazer diretamente parte dessa história – isto é, não ser descendente de ancestrais apreendidos escravizados –, mas o significante negro que exibe será sumariamente lido no contexto dessa história. (SEGATO, 2005, p. 4).

---

<sup>6</sup> Os xingamentos racistas, aos jogadores negros, nas partidas de futebol, são exemplos de “momentos de competição”.

O racismo é um fenômeno marcante quando consideramos a parca presença de personagens negros em mídias, como revistas, propagandas, televisão, literatura etc. Edward Telles (2003, p. 16) narra uma conversa em que, o então Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush teve com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, em que Bush perguntava se havia muitos negros no Brasil. A pergunta é surpreendente, não só por ter vindo do chefe de uma nação tão poderosa, mas quando consideramos que o Brasil recebeu um número dez vezes maior de escravos que aquele país norte-americano: cerca de quatro milhões de africanos, sendo o maior país escravagista; e que, atualmente, o número de negros aqui é três vezes maior que o de lá. O incidente evidencia a dicotomia entre a identidade multirracial real da sociedade brasileira e a identidade virtual engendrada pelas mídias, e, certamente, nos leva a refletir sobre como é vista a população brasileira, representada pelas mídias no mundo. Os veículos midiáticos, quando inviabilizam os negros em suas produções, escondem a verdadeira imagem da população brasileira, que é, em sua maioria, afrodescendente.

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constrói identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os estereótipos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura. (SODRÉ, 2000, p. 246)

Para entender como essa inviabilização acontece, tomamos como exemplo a teledramaturgia, formato para o qual *Gabriela, cravo e canela* teve três versões adaptadas. Presença cotidiana na vida dos brasileiros e produto de exportação vendido para vários países, as telenovelas alcançam milhares de telespectadores e projetam as obras para além da literatura, para além da ficção – elas influenciam o imaginário e o comportamento do público. Apesar de toda essa visibilidade, nessas

adaptações televisivas em que se espera que se mantenha certa coerência com obra inspirada, os personagens negros e mulatos são representados por atores brancos. Esse fenômeno, que se repete por um longo período da história da teledramaturgia, tem como consequência a invisibilização da população negra nesse cenário midiático.

Em nenhuma telenovela brasileira houve qualquer defesa da mestiçagem brasileira, nem mesmo nas adaptações das obras de Jorge Amado. O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão-do-mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante e delegado, portanto sempre no papel de serviços intermediários, mais interessados em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem ‘impura’, buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade. (ARAUJO, 2008, p. 3).

O trecho supracitado faz parte do trabalho de Joel Zito Araújo<sup>7</sup> (2008), intitulado “O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira”, no qual o autor faz uma crítica à escassa aparição de atores negros nas telenovelas brasileiras, entre os anos de 1960 e 2008, e aponta os problemas consequentes dessa representação.

A telenovela, [...] ao não dar visibilidade à verdadeira composição racial do país, compactua conservadoramente com o uso da mestiçagem como escudo para evitar o reconhecimento da importância da população negra na história e na vida cultural brasileira. Pactua com um imaginário de servidão e de inferioridade do negro na sociedade brasileira, participando assim de um massacre contra aquilo que deveria ser visto como o nosso maior patrimônio cultural diante de um mundo dividido

---

<sup>7</sup> Joel Zito Araújo é autor de uma pesquisa que deu origem a um documentário e livro de mesmo nome “A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.” (2000), sobre a representação do negro na história da teledramaturgia.

por sectarismos e guerras étnicas e religiosas, o orgulho de nossa multirracialidade. (ARAÚJO, 2008, p.4).

O problema da invisibilidade da população de cor em outras mídias é destacado, também, por Kátia Regina Rebello da Costa,<sup>8</sup> em seu artigo intitulado “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”,<sup>9</sup> no qual traz números de uma pesquisa quantitativa de propagandas publicadas pela revista *Veja e Época*, em 2009.

Em um universo de 104 edições (52 de cada uma das publicações), do total percentual (100%) em que figuram pessoas, somente 14,3% do material apresenta negros (dos quais, 9% em peças com arranjo multirracial e 5,3% exclusivamente com pessoas negras). Ficam, para pessoas com características morfológicas não negras, os demais 85,7% de propagandas. (COSTA, 2012, p. 46).

Os dados dessa pesquisa sobre a presença de negros na propaganda mostram um resultado semelhante ao que acontece na teledramaturgia, do estudo de Joel Zito: a presença do negro nesse tipo de revista é praticamente nula, quando não, a ele é reservado um espaço secundário e desprivilegiado.

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, o nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente na construção da realidade, num processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. O ritmo dessas transformações passa a ser a questão. (MOTTER, 2003, p. 174).

---

<sup>8</sup> Coordenadora do Lato Sensu em “Relações Étnico-raciais e Educação: uma proposta de (re)construção do imaginário social”, do Cefet-RJ, docente do referido curso e do ensino médio do Cefet-RJ; doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>9</sup> “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”. In: *Mídia e racismo*. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (Orgs.). Petrópolis, RJ : DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 41-63.



Essa rara presença de negros e mestiços na mídia é preocupante porque contribui para manter e reforçar, no imaginário social, os mais diversos estereótipos relacionados ao povo negro. O padrão caucasiano representado nessas mídias resulta em equívocos como o do presidente Bush, citado no início desse capítulo acima.

A luta contra o racismo tem ganhado cada vez mais o apoio de estudiosos e pesquisadores interessados em identificar como se produz e reproduz o racismo na mídia. Um deles é Muniz Sodré, que propõe o conceito de *racismo midiático* para ilustrar o racismo e suas características. O autor relaciona quatro fundamentos que efetivam sua análise:

1) a negação, quando a mídia tenta negar a existência do racismo, apesar de noticiar casos de violações flagrantes; 2) o recalçamento, quando os aspectos positivos das manifestações simbólicas de origem negra não são destacadas ou mesmo suprimidas pelo jornalismo ou pela indústria cultural; 3) a estigmatização, quando a mídia, no processo de passagem do real para o virtual, cria estigmas que levam a discriminação; e 4) a indiferença profissional – Rejeição profissional e desvalorização cultural. Preocupados em atender aos interesses do mercado publicitário e visando, tão somente o lucro, os profissionais da mídia não contratam profissionais negros. (SODRÉ, 2000, p. 246-247).

Muniz Sodré completa sua análise sem mostrar boa expectativa de mudanças no panorama quando diz que “Nenhuma verdadeira política antirracista pode implantar-se num sistema discursivo dessa grande mídia”. Isso porque, quando o negro finalmente entra no mercado de trabalho numa empresa midiática, ele sempre ocupa cargos ou desempenha papéis de pouco prestígio e/ou baixa remuneração. Consequentemente, fato de ser alocado apenas para desempenhar

funções subalternas, contribui para perpetuar o falso mito de que o indivíduo de pele escura é incapaz e submisso.

A sociedade brasileira consumidora destes produtos midiáticos não parece se sensibilizar com a discriminação e o conseqüente apagamento dos afro-brasileiros, pelo contrário; o que se tem visto é o estranhamento e a rejeição de personagens negros nos papéis de protagonistas ou de destaque, no caso da teledramaturgia. Exemplo disso é o que aconteceu na trama da novela “Viver a Vida”,<sup>10</sup> da Rede Globo, quando a Helena, a protagonista, vivida pela atriz Thais Araújo, foi expressamente rejeitada pelos telespectadores, o que provocou uma mudança não prevista da personagem Luciana, interpretada por Aline Moraes, do papel de coadjuvante para o papel de protagonista, enquanto com Thaís ocorreu o processo inverso. A mudança decepcionou aqueles que se mostraram otimistas com a escalação de uma atriz negra para viver o papel de Helena, nome já tradicional das personagens mais marcantes do autor Manoel Carlos. Os representantes dos movimentos negros criticaram o novelista pelos equívocos na construção da personagem: 1) Helena estava “deslocada” do núcleo do qual fazia parte, núcleo este constituído por outros personagens brancos, que não tinham nenhuma relação parental com ela. Seus verdadeiros familiares continuavam com uma vida humilde, enquanto a moça estava cercada de luxo e conforto; 2) Helena, como de costume, é forte, teve uma história de vida marcada por dificuldades até conquistar seus objetivos e tornar-se uma mulher bem sucedida. Não entanto, a Helena negra mostra-se insegura, submissa e no fim sucumbe à insustentabilidade do seu protagonismo, perdendo destaque para a coadjuvante, agora protagonista, branca.

---

<sup>10</sup> Novela escrita por Manoel Carlos, exibida no horário das 21h, ano de 2009/2010, com direção de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti.

A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma ‘naturalidade’ na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva e concordância de que esses atores realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país. (ARAUJO, 2008, p. 984).

Falta à população brasileira uma consciência étnico-racial para entender que ignorar o apagamento ou a estereotipia da população afrodescendente na mídia é compactuar com a manutenção de padrões racistas e exclusivos. A visível disparidade social entre negros e brancos não é resultado, somente, da escravização do povo negro ocorrida no passado, mas também de um processo velado que reproduz, contemporaneamente, preconceitos e estereótipos na telenovela, na literatura, na propaganda entre outras mídias.

[...] o inconsciente racial coletivo brasileiro não acusa nenhum incômodo em ver tal representação da maioria do seu próprio povo, e provavelmente de si mesmo, na televisão ou no cinema. A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma ‘naturalidade’ na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva e concordância de que esses atores realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país. (ARAUJO, 2008, p. 984).

Além de contribuir com a manutenção da discriminação racial, o padrão midiático coloca todas as mulheres como objeto que se pode negociar. É o que acontece, por exemplo, quando uma propaganda é colocada num *outdoor* ou veiculada no comercial da tevê, com uma modelo ‘linda’, branca e magra, com roupas e sapatos sofisticados, a mensagem que se quer passar: “se você for magra, comprar esta roupa, este sapato, esta bolsa, você vai ser poderosa e vai ter todos os homens aos seus pés” (ARAUJO, 2011). A mensagem é recebida pelo público-alvo e esgotam-se roupas, bolsas e sapatos, enfim, a mulher comprou a ideia de que consumindo esses produtos se tornaria poderosa. Acontece que muitas, mas muitas

mulheres pensaram assim, todas elas compram essa mesma ideia e, então, tornam-se iguais, padronizadas. Aí está sua objetificação, porque essas mulheres estão exatamente iguais, então qualquer uma serve. Parece óbvio que qualquer pessoa que tenha o mínimo de opinião vai procurar por relações com pessoas autênticas, que tenham personalidade e estilo próprios. Ao promover essa padronização, as propagandas funcionam como um campo armadilhado em que as mulheres são as principais lesadas. É preciso mudar a representação deturpada para findar com os estereótipos que inferiorizam o povo negro, visto que a manutenção dessa cultura compromete o progresso do país e a construção de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, faz-se necessária a promoção de medidas sociais focadas em discutir a importância de se pensar a humanidade como grupos formados por bilhões de indivíduos geneticamente diferentes entre si e valorizar o ser humano por suas características ao enfatizar sua individualidade e singularidade.

A cultura é uma construção histórica, um produto coletivo no qual a mudança é um aspecto fundamental. Através da história da cultura desenvolve-se um universo de legitimações [...] Os meios de comunicação propõem estilos de vida, modos de organizar, vestir, decorar, escrever, falar, sonhar, sofrer, amar, lutar e, principalmente, pensar e simbolizar o real. (CALDAS, 2009, p. 72).

O sistema escravocrata pode ter sido abolindo, no Brasil, mas um cruel sistema de escravidão perdura até os dias atuais: o racismo na sua forma mais latente. É de fundamental importância desconstruir a cultura de que a beleza é um privilégio da população caucasiana, porque essa cultura é exclusiva. A adoção das ações afirmativas pela sociedade e o uso fruído deste direito por parte dos negros se caracteriza por uma experiência que se predispõe de um sistema de alianças, ações partilhadas e valores compartilhados pelo grupo anteriormente excluído, portanto,

deve prezar pela memória das lutas por conquistas e pela superação da segregação tão forte na história dos negros neste país.

## 2 A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA*

Figura 4 - Retirantes<sup>11</sup>



Dorme, menina dormida teu lindo sonho a sonhar.  
Estou presa em meu jardim com flores acorrentada.

[...] Acudam! vão me casar numa casa me enterrar  
na cozinha a cozinhar na arrumação a arrumar  
no piano a dedilhar na missa a me confessar.  
Acudam! vão me casar na cama me engravidar.

Meu marido, meu senhor na minha vida a mandar.

<sup>11</sup> Retirantes. Data: 1944. Painel a óleo / tela. 190 X 180 cm (I) Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil assinatura: "Portinari 944". Funções: Série Retirantes. Temas: Social: Retirante. Natureza: Paisagem: Campo. Descrição: Composição nos tons terras, cinzas, azuis, preto, ocre, branco, verde, rosa, amarelo e vermelho. Textura lisa, espessa, pinceladas marcadas e efeitos de espátula. Figuras quase sempre contornadas de preto acentuando a dramaticidade da composição. Cena de família de retirantes, ocupando a quase totalidade da área do suporte, em paisagem de sertão. Imagem disponível no link: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

A mandar na minha roupa no meu perfume a mandar.

A mandar no meu desejo no meu dormir a mandar.

A mandar nesse meu corpo nessa minh'alma a mandar.

(AMADO, 2012, p. 138).<sup>12</sup>

*Gabriela, cravo e canela* é um *best-seller*, grande sucesso de público e de crítica de vários países, temas de pesquisas. É a obra mais traduzida de Jorge Amado com traduções em mais de 35 idiomas e várias adaptações para diferentes mídias. É também o primeiro romance que tem o nome de mulher: *Dona Flor e seus dois maridos* (1966); *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977). Atualmente está na 100ª edição no Brasil (2012). O romance teve sua 1ª edição pela Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958, com 453 páginas, capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Di Cavalcanti. Gabriela representou o retorno de Jorge Amado à temática da Bahia e do cacau, caracterizado tom otimista e cordial e discurso um tanto panfletário de valorização do nacional.

Representante da segunda fase do Modernismo, o romance *Gabriela, cravo e canela* tem sua narrativa na terceira pessoa do discurso indireto, escrita do mesmo modo que falam os personagens, ora com falas mais coloquiais, ora com falas mais próxima à norma culta do português. Esse discurso indireto, na terceira pessoa, permitia uma polifonia de vozes intercaladas, do autor e dos personagens. No romance, os espaços urbano e rural se aproximam, bem como a estrutura narrativa que se justapõe, alternando-se entre o *individual*: o romance de Nacib e Gabriela; e o *coletivo*: a disputa política entre o coronel Ramiro Bastos e Mundinho

---

<sup>12</sup> Cantiga para ninar Malvina.

Falcão. Esses e outros jogos dualísticos permeiam e enriquecem o romance: opressão/liberdade; atraso/ progresso; corrupção/ética; rico/pobre.

Para escrever o romance o autor teria se inspirado na “moda da zona do cacau”, descrita na epígrafe: “O cheiro de cravo/ A cor de canela/ Eu vim de longe/ Vim ver Gabriela”. Jorge Amado era, sem dúvida, um bom conhecedor da tradição local, isso se pode perceber nos detalhes e no cuidado do autor ao trazer referências como as modinhas da zona cacauzeira, referências essas que conferem verossimilhança à história. As modinhas, cantadas por uma personagem, eram usadas para abrir os capítulos. Nessa abertura, além de um título longuíssimo, há um resumo do capítulo, como que para guiar e preparar o leitor para os acontecimentos a seguir. Os personagens femininos, esposas, filhas de coronéis, solteironas, empregadas domésticas e prostitutas, destacam-se como elementos essenciais para o enredo, tanto que alguns capítulos são intitulados com nomes de mulheres: “O langor de Ofenísia”, “A solidão de Glória”, “O segredo de Malvina”, “O luar de Gabriela”. Contrariando o que se espera dos romances, em geral, Gabriela não começa centrado na personagem central, aliás, ela só vai aparecer no final do primeiro capítulo. A história começa num dia ensolarado, com os corpos de dois amantes, frutos de um crime passionai. A seguir, Nacib contrata Gabriela no mercado de escravos e a leva para casa, sem sequer notar sua beleza, escondida no corpo imundo e nas roupas encardidas. Depois do jantar em que se é declarada a oposição política entre Mundinho Falcão e o coronel Ramiro Bastos, Nacib volta para casa e se encanta com Gabriela, quase desnuda, deitada na cadeira, a esperar por ele. A segunda parte chama-se propriamente *Gabriela, Cravo e Canela* e sua primeira parte, o capítulo terceiro, chama-se “O segredo de Malvina”, filha do coronel Melk, que desafia o poder do pai ao namorar Rômulo, um engenheiro casado que trabalha para Mundinho Falcão. Josué, antes apaixonado por Malvina, agora se interessa por Glória, amante de outro coronel. Rômulo é obrigado a fugir



da cidade quando o pai de Malvina descobre seu estado civil. A coragem de Malvina é contrastada com a covardia de Rômulo. Na política, acirra-se a disputa entre o coronel Bastos e Mundinho. Nacib, nesse mesmo tempo, avançou no seu romance com Gabriela, mas é atormentado pelo ciúme, já que todos se interessam por Gabriela. Confuso entre o amor e a posse, ele acaba propondo casamento a Gabriela encorajado por Tônico Bastos, filho do coronel Ramiro. O capítulo acaba durante a festa de casamento de Nacib e Gabriela. A quarta e última parte chama-se “O luar de Gabriela”, no qual Glória oficializa o romance com Josué; Ramiro Bastos morre e a guerra política acaba com Mundinho e seus candidatos vencedores. Nacib acaba anulando o casamento ao pegá-la na cama com Tônico Bastos, seu padrinho de casamento. Mas ninguém ri de Nacib; pelo contrário, Tônico é humilhado e sai da cidade, o casamento é anulado sem complicações (os papéis de Gabriela eram falsos) e Gabriela sai de casa. Nacib fica amargurado e vai se recuperando. As obras na barra se completam com sucesso, e Nacib e Mundinho abrem um restaurante juntos. Gabriela é recontratada por Nacib e algum tempo depois ambos reiniciam seu caso. Num epílogo, o coronel, assassino no início do romance é condenado à prisão.

Embora o enredo pareça simples, a mistura seja complexa: Gabriela é apresentada como a morena de sorriso fácil, flor no cabelo e cor de canela; o estrangeiro Nacib, logo se vê “seduzido” pelos dotes físicos e culinários de Gabriela. A primeira impressão que Nacib teve de Gabriela, na verdade não foi a primeira vez que a viu, porque nesse dia, mal conseguiu ver seu rosto, por causa da sujeira.

Foi quando surgiu outra mulher, vestida de trapos miseráveis, coberta de tamanha sujeira que era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrehados, imundos de pó, os pés

descalços. Trazia uma cuia com água, entregou nas mãos trêmulas da velha, que sorveu ansiosa. (AMADO, 2012, p. 107).

Percebe-se que, nesse primeiro contato, no mercado de escravos, Nacib mal olhou para Gabriela. Isso porque ele, talvez inconscientemente, tinha poucas expectativas sobre aquelas pessoas. Porém, a verdadeira impressão do turco é depois que a moça toma banho, quando ele fica desconcertado com sua beleza.

Entrou de mansinho e a viu dormida numa cadeira, os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformado em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa **cor de canela**, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente. - Meu Deus! - Nacib ficou parado sem acreditar. A espiá-la, num espanto sem limites, como tanta boniteza se escondera sob a poeira dos caminhos? Caído o braço roliço, o rosto **moreno** sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. (AMADO, 2012, p. 117, grifo nosso).

Antes mesmo de apresentar Gabriela, o autor faz uma grande preparação para sua chegada, e, somente no segundo capítulo, ela efetivamente entra em cena. Ao mesmo tempo em que conta as mudanças ocorridas na cidade, Amado retrata a história de amor entre Gabriela e Nacib. O romance é recheado de elementos problemáticos como adultério, prostituição, corrupção, violência, machismo e sincretismo religioso. Na pacata Ilhéus, as mulheres eram educadas para serem boas donas de casa. Para isso, acreditavam, não era necessário muito estudo, aliás, eram restringidas algumas leituras. Às moças de família também não era permitido escolher o futuro marido. Esta escolha era feita pelo pai, baseada em interesses financeiros. Aos homens tudo era permitido: as diversões noturnas nos cabarés da cidade, as amantes, a violência física e sexual contra as suas mulheres e até mesmo

matá-las, caso cometessem adultério. Era costume de Ilhéus o homem traído lavar com sangue a honra manchada, sem que nada lhe acontecesse. Foi o caso de Sinhazinha, esposa de Jesuíno, morta, juntamente com o amante, ao serem flagrados na cama.

Certas leis também, a regularem suas vidas. Uma delas, das mais indiscutidas, novamente cumprira-se naquele dia: honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens [...] (AMADO, 2012, p. 10).

O coronel Jesuíno, rotineiramente, estuprava, agredia e submetia a humilhações sua mulher, no entanto, nada lhe acontecia. Porém, a morte de Sinhazinha marca o início um tempo de muitas mudanças. Se, por um lado, muitas pessoas parabenizavam o coronel pela “atitude honrosa”, por outro, muitas pessoas, como Mundinho Falcão e Malvina, mostravam-se informados com o crime impune. Três personagens femininas se destacam no romance pelo comportamento corajoso: Gabriela, a personagem central, é uma retirante que chega a Ilhéus em busca de uma vida melhor. Cozinheira “de mão cheia”, logo começa a trabalhar para o Turco Nacib. Malvina, filha do Coronel Melk Tavares; e Glória, que vivia se expondo de sua janela para os homens despertando desejos. Ambas representam o início de uma mudança de pensamento das mulheres pelo fim da opressão e a luta pelos direitos, em uma sociedade patriarcal, extremamente conservadora e machista, que estava em declínio.

Vinda de uma família tradicional da alta sociedade de Ilhéus, Malvina, para sua época, era uma moça perspicaz e arrojada. Cultivava o hábito da leitura, algumas delas consideradas impróprias para as “mulheres direitas”, conforme uma conversa de Malvina com Iracema, uma amiga do colégio, na livraria.

(Iracema) - Lá em casa tem O crime do padre Amaro. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... – O irmão era acadêmico do curso de medicina na Bahia.

(Malvina) - E por que ele pode ler e você não? – Cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde. – Tem O crime do padre Amaro, seu João?

(Iracema) [...] Iracema impressionava-se com a coragem da amiga: - Você vai comprar? O que é que vão dizer?

(Malvina) - E que me importa?

[...] – Essas moças de hoje... – comentou um dos presentes. – Até livro imoral elas compram. É por isso que há casos como o de Jesuíno. (AMADO, 2012, p. 158, grifo nosso).

Esta fala demonstra a opressão vivida pelas mulheres de Ilhéus, ao mesmo tempo em que destaca a personalidade determinada de Malvina, ávida pelas descobertas da leitura, mesmo diante de proibições das obras, consideradas quanto às leituras impróprias para as “moças de família”. Como era costume da época, as moças eram criadas para casar e obedecer ao marido, mas Malvina sonhava com um futuro muito diferente do que seu pai planejara. Queria trabalhar, conhecer lugares e pessoas diferentes e até se casar, mas com quem escolhesse e por amor. A filha do coronel Melk tinha um olhar crítico para o comportamento machista dos homens da cidade e, muitas vezes, não tinha medo de expor sua opinião. Por exemplo, quando Malvina comparece ao funeral de dona Sinhazinha, morta pelo marido, o coronel Jesuíno.

Ante os olhos espantados da rua comprimida nas portas e janelas, Malvina entrou trazendo um ramo de flores colhidas em seu jardim. Que vinha fazer ali, no funeral de uma esposa morta por adultério, essa moça, solteira, estudante, filha de fazendeiro? Nem que fossem amigas íntimas. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu pra o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão, moveu os lábios em uma prece, saiu de cabeça erguida como entrara, Nacib estava de

queixo caído. - Essa filha de Melk Tavares tem topete. (AMADO, 2012, p. 121).

Perante a sociedade, uma moça de família ficava “mal falada” quando vista em companhia de uma mulher adúltera. Malvina, porém, não se deixava influenciar pelo que pensavam as pessoas, o que evidenciava que ela estava muito além de sua época. Malvina ambicionava livrar-se dos padrões que a oprimiam, não queria casar com um homem de Ilhéus, porque sabia que eles eram tão machistas quanto o pai. Apaixonou-se, então, por um engenheiro, vindo da cidade grande para trabalhar na construção do porto da cidade. Descobriu depois que o engenheiro era casado, mas não rompeu o namoro, porque ele representava uma promessa de liberdade. Dizia ela ao seu pai:

[...] Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

- **Tu não tem** querer. **Tu há** de fazer o que eu ordenar.

- Eu só vou fazer o que eu desejar. [...] sou sua filha, não sou sua escrava. (AMADO, 2012, p. 193).

O coronel Melk fica enfurecido ao descobrir que a filha vive um romance com um homem casado. Mesmo ao ser agredida, Malvina enfrenta o pai e diz que não vai se casar com quem ele escolher. Já o engenheiro, ameaçado pelo coronel, vai embora de Ilhéus sozinho, deixando a moça, mesmo tendo planejado fugirem juntos.

Dava-se conta Malvina do erro cometido: para sair dali só vira um caminho, apoiada no braço de um homem, marido ou amante. Por quê? Não era ainda Ilhéus agindo sobre ela, levando-a a não confiar em si própria? Por que partir pela mão de alguém, presa a

um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia (AMADO, 2012, p. 199).

Mandada para um colégio interno, Malvina foge e vai morar sozinha em São Paulo, estudando a noite e trabalhando durante o dia. Depois do caso com o engenheiro, ela entendeu que pra ser livre é preciso ser independente.

Glória, outra personagem interessante do romance: amante do coronel Coriolano, que a instalou numa casa confortável e, além de pagar todas as contas, enchia-lhe de presentes caros. Em troca, ela prestava favores sexuais exclusivos. Esta exclusividade era o que diferenciava Glória das prostitutas do Bataclan, o mais famoso bordel da cidade. Era comum entre os coronéis mais ricos de Ilhéus, buscar, além de seu casamento, uma mulher em busca de prazeres sexuais, que a sua esposa, sendo uma “mulher de respeito”, não podia prestar.

As mulheres jovens, sem *status* ou sem bens e que não haviam conseguido casamento numa terra de mercado matrimonial estreito, encontravam num homem mais velho, mesmo sendo casado, o amparo financeiro e social de que precisavam. [...] Ser amásia ou cunhã de um homem importante implicava formas de sobressair-se junto à população e galgar *status* econômico, que ela não possuiria de outra forma (FALCI, 2006, p. 269).

Glória via no caso com o coronel uma oportunidade para melhorar sua condição financeira e para fugir da prostituição dos bordéis. Coriolano, nem de longe, conseguia satisfazer os desejos sexuais da jovem e fogosa amante, assim, ela mantinha um caso com o professor Josué, que amava Malvina, mas como não tinha dinheiro para pagar as prostitutas do Bataclan (desde aí os professores já eram mal remunerados), era conveniente manter essa relação com Glória, que também não pretendia abrir mão da vida de luxo proporcionada pelo seu Coronel. Ela não queria a vida de esposa. A relação com o Coronel representava conforto e

liberdade, já se casasse com Josué, seria amor e servidão. “Bastava olhar ali mesmo na praça: aquele luxo de Glória vestindo melhor do que qualquer senhora – será que o coronel Coriolano gastava tanto com a esposa?” (AMADO, 2012, p. 93). Sem dúvidas, as amantes eram tratadas melhor que as esposas, e o caso de Glória gerava revolta nos moralistas. João Fulgêncio, em uma conversa, observa:

[...] Admiravam Glória na janela, o juiz considerava aquilo um verdadeiro escândalo. João Fulgêncio ria, discordava: - Glória, seu doutor, é uma necessidade social, devia ser considerada de utilidade pública [...] Glória exerce uma importante função na sociedade. Com a simples ação de sua presença na janela, com o passar de quando em quando pela rua, ela eleva a um nível superior um dos aspectos mais sérios da vida da cidade: sua vida sexual. Educa os jovens no gosto à beleza e dá dignidade aos sonhos dos maridos de mulheres feias, infelizmente maioria em nossa cidade, às suas obrigações matrimoniais que, de outra maneira, seriam insuportável (AMADO, 2012, p. 124).

Gabriela, a personagem que deu título ao romance do autor, era uma retirante do sertão que fugiu da seca e chegou a Ilhéus. É contratada para cozinhar na casa do turco Nacib que, a princípio, por causa dos cabelos sujos e desalinados, não se interessa pela moça. Só depois que ela toma banho, ele vê, boquiaberto, a beleza da cozinheira; depois disso, não demora a frequentar sua cama Nacib está perdidamente apaixonado por Gabriela, que se mostra sempre doce e serviu, fazendo os trabalhos domésticos e deliciosos quitutes para vender no bar. Quando Gabriela ia levar os quitutes, todas as atenções dos fregueses se voltavam pra ela.

Seu Nacib era bom, pensava ela, tinha ciúmes. [...] Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava-se com ela e com as demais. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se seu Tônico, beleza de moço!, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se

seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo?(pagina 183)  
Que importância tão grande, por que tanto sofrer, se ela se deitava com um moço? Não tirava pedaço, não ficava diferente, gostava dele da mesma maneira, e não podia ser mais (AMADO, 2012, p. 284).

Nacib, enciumado ao perceber o assédio, decidiu se casar com a moça. Gabriela não entendia a necessidade do casamento, já que eram felizes como estavam, mas para não contrariar o turco decidiu aceitar e casaram-se. Como imaginado por Gabriela, depois do casamento Nacib passou a tratá-la como os homens de Ilhéus tratavam suas esposas: queria que ela se tornasse uma dama, que deixasse de ir dançar com seus amigos e que frequentasse os eventos que a alta sociedade frequentava. Ela, porém, se sentia entediada nessas festas, pois achava tudo muito formal, não via a necessidade dos vestidos de seda e não gostava do desconforto dos sapatos apertados. Com esses descontentamentos, mais a mudança de Nacib, que já não era tão carinhoso e ardente na cama, surge a carência de Gabriela, da qual o mulherengo Tônico Bastos se aproveita prontamente. Ambos são flagrados por Nacib que, por mais que estivesse impulsionado, não tem coragem de atirar Gabriela.

O autor inicia e finaliza o romance com uma cena de adultério, como uma metáfora para mostrar um ciclo se fechando e outro se abrindo, já que na cena da traição de Gabriela não houve a morte para lavar com sangue a honra de Nacib. O coronel Jesuíno era o último exemplo do ciclo da impunidade, e o turco Nacib era o primeiro dos novos tempos.

## 2.1 *GABRIELA, CRAVO E CANELA* E OUTRAS MULHERES AMADIANAS



As personagens das obras de Jorge Amado contribuíram para projetar a imagem da mulher brasileira, tanto nacionalmente como internacionalmente, isso porque é ao redor de figuras femininas que giram grande parte da narrativa do autor. Gabriela, Tieta e Dona Flor, mulheres de personalidade marcante, são pintadas com tons sensuais e provocantes, no caso de Gabriela, seu principal tempero é o cheiro de cravo e a cor de canela. É bastante comum as pessoas se lembrarem da obra amadiana pela popularidade das suas personagens femininas. Consagradas na literatura, o trio de obras supracitado foi traduzido para a televisão e para o cinema, exportado para vários países, projetando a literatura de Jorge Amado além das fronteiras nacionais.

Embora as narrativas amadianas sejam protagonizadas por mulheres fortes, que buscam romper com padrões sociais, é inegável que a personagem Gabriela é um elogio rasgado à mestiçagem, uma tentativa de afirmar o “lado positivo” da mistura racial, ou seja, um culto velado ao branqueamento da população afro-brasileira. Vejamos que o autor apresenta Gabriela, primeiramente quase como uma selvagem, – *o bom selvagem de Rousseau* – é uma mistura de espontaneidade, erotismo e sedução, que envolve, inclusive, o leitor; vista ao mesmo tempo com um ar misterioso, sedutor e inocente, que gosta de se divertir feito criança, com os pés descalços e é feliz pelo simples prazer de se sentir livre. Ela era um paradoxo, ora inocente ora provocante: as brincadeiras na rua evidenciam inocência ao mesmo tempo em que o vestido curto demonstra uma sexualidade que desperta o desejo nos homens de Ilhéus. Tal descrição, de novo, nos remete ao relato da carta de Caminha, já citada aqui. Há um encantamento explícito dos moradores de Ilhéus com a chegada da retirante Gabriela, sobretudo pelo seu espírito livre e beleza genuína. A morenidade da protagonista é destacada, bem como a relação da mesma com especiarias e frutas maduras, como forma de celebrar o tropicalismo e o exotismo da mulher brasileira. O romance amadiano propõe uma ênfase ao

regionalismo, a ruptura da tradição para a modernidade, a quebra de tabus, que, aliás, traz para o rol das discussões a infidelidade feminina contra a opressão masculina.

A história do romance se passa em 1925, na pequena Ilhéus, cidade situada ao sul da Bahia. A sociedade era marcada pelos contrastes entre a pobreza dos trabalhadores cacaueiros e o luxo dos coronéis; pela violência e a prostituição, e subordinação feminina.

Quanto aos escrúpulos, não foram com eles que progrediram as cidades do sul da Bahia, que se rasgaram as estradas, plantaram-se as fazendas, criou-se o comércio, construiu-se o porto, elevaram-se edifícios, fundaram-se jornais, exportou-se cacau para o mundo inteiro. Foi com tiros e tocaias, com falsas escrituras e medições inventadas, com mortes e crimes, com jagunços e aventureiros, com prostitutas e jogadores, com sangue e coragem. (AMADO, 2012, p. 39).

Nesse momento, a cidade está passando por muitas mudanças na economia, na política e na sociedade, e a maioria das mulheres vivia sob a opressão masculina. Uma nova estruturação familiar se vislumbra porque os velhos valores patriarcais já não se ajustavam aos novos costumes e realidade da, antes pacata, Ilhéus. E o novo é representado pela volta de Mundinho Falcão, depois de muitos anos de estudos no Rio de Janeiro. O jovem e idealista Mundinho se lança na política com o intuito de promover o progresso da cidade e acabar com a corrupção e o abuso do poder dos coronéis.<sup>13</sup> Por esse motivo ele vai travar uma verdadeira batalha com o coronel Ramiro, o todo poderoso da cidade local. Curiosamente, a história começa com um ato de violência, a morte de Sinhazinha, como um ato

---

<sup>13</sup> [...] a maior parte dos coronéis não eram coronéis. Poucos, em realidade, os fazendeiros que nos começos da República e da lavoura do cacau, haviam adquirido patentes de coronel da Guarda Nacional. Ficara o costume: dono de roça de mais de mil arrobas passava normalmente a usar e receber o título que ali não implicava em mando militar e, sim, no reconhecimento da riqueza. (AMADO, 2012, p. 27).

cruelmente machista, e fecha com a morte do coronel Ramiro, o grande patriarca, responsável pela manutenção desses costumes. A morte do coronel simboliza o fechamento de um ciclo, que cede lugar para o novo, representado na figura de Mundinho Falcão. Do mesmo modo, a morte covarde da Sinhazinha fechava a fase em que as mulheres sofriam resignadamente a violência, e a chegada de Gabriela anunciava um tempo de ruptura e libertação feminina. Um novo tempo que se fazia necessário porque as mulheres “da sociedade” eram controladas pelas regras de “bons costumes”, não podendo moça solteira escolher seu próprio marido, nem ter relações extraconjugais, as que fugiam a essa regra tinham como destino os cabarés, pois eram rejeitadas para o casamento e hostilizadas pelas demais mulheres. O próprio Nacib, quando resolve ceder aos encantos de Gabriela – movidos pelos sentimentos de posse e ciúme – e, finalmente, se casar com ela, pondera sobre as dificuldades e os preconceitos que enfrentará.

Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no mercado dos escravos? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade. Que diria seu tio, sua tia tão metida a sebo, sua irmã, seu cunhado engenheiro-agrônomo de boa família? Que diriam os Ashcar, seus parentes ricos, senhores de terra, mandando em Itabuna? Seus amigos do bar, Mundinho Falcão, Amâncio Leal, melk Tavares, o Doutor, o Capitão, dr. Maurício, dr. Ezequiel? Que diria a cidade? Impossível sequer pensar nisso, um absurdo. No entanto, pensava. (AMADO, 2012, p. 180).

Nessa Ilhéus conservadora, às mulheres casadas cabia o papel social de esposas e mães, sem direito à participação política ou ao mercado de trabalho, exceto ao trabalho doméstico. A mulher era um signo, cuja subjetividade era definida segundo as necessidades masculinas. A objetificação feminina não estava, porém, circunscrita ao ambiente familiar, tendo seu expoente máximo nos cabarés, como Bataclan, o mais luxuoso deles, frequentado pelos mais ricos coronéis, todos

casados, o que não os impedia, caso se “apegassem” e quisessem garantir exclusividade de “colocar casa”<sup>14</sup> e viver uma relação informal com essa mulher, a chamada *amante*. Entre os homens casados eram comuns as relações extraconjugais, inclusive o próprio Nacib. Gabriela não se ofendia, para ela era normal amar o seu homem, mas deitar com quem lhe desejasse; afinal não seria essa a expressão plena da liberdade sobre o próprio corpo? Porém, Nacib queria que Gabriela se comportasse como uma dama e para isso impôs varias restrições logo após casar.

Era ruim ser casada, gostava não... Vestido bonito, o armário cheio. Sapato apertado, mais de três pares. [...] Que ia fazer com esse mundo de coisas? Do que gostava, nada podia fazer [...] Rir pra seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Era a senhora Saad. Podia, não. Era ruim ser casada. (AMADO, 2012, p. 182).

Gabriela é marcante, justamente pelo seu caráter transgressor. A sua resistência à opressão é representada pela liberdade no uso do seu corpo ao dormir como tivesse vontade, e na negação de fazer as coisas que não gostava apenas para ser aceita como uma dama da sociedade, por exemplo, quando ela se nega a usar os vestidos de seda e usar os sapatos apertados, porque prefere usar roupas mais frescas e andar, então Nacib a repreende.

- Bié...  
- Seu Nacib...

---

<sup>14</sup> Expressão que significava dar casa para morar e sustentar a amante.

- Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços. Ele tomou-lhe da mão, repreendeu:
  - Não pode mais não, Bié...
  - O que?
  - Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora.
- Assustou-se:
- Posso não? Andar descalça, de pé no chão?
  - Pode não.
  - E por quê?
  - Você é uma senhora, de posses, de representação.
  - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela.
- (AMADO, 2012, p. 212).

Mesmo com todas as tentativas de Nacib “domesticá-la”, Gabriela se mantém fiel a seus desejos porque, para ela, se ajustar àqueles padrões sociais era privar-se de coisas que lhe davam prazer, e quem podia ser feliz assim? Gabriela não se ajustaria aos costumes da alta sociedade de Ilhéus. Ela não gostava dos sapatos a apertar seus pés e quando sabe que terá que usá-los se for esposa de Nacib ela diz que não precisa se casar, basta apenas dormir com ele. Casada, ela se sentia um pássaro aprisionado, ficando triste dia após dia.

Oh!, que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?  
 Palácio real lhe dei um trono de pedrarias vestidos de diamante  
 escravas para servi-la [...] e a chamei de Rainha.  
 Oh! Que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?  
 Só desejava um espelho de vidro, pra se mirar  
 Oh!, que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?  
 Manda-a de volta ao fogão a seu quintal de goiabas  
 [...] a seu inocente pensar a seu riso verdadeiro a sua infância  
 perdida a seus suspiros no leito a sua ânsia de amar.  
 Por que a queres mudar!<sup>15</sup> (AMADO, 2012, p. 214).

## 2.2 INTERFACES DE GABRIELA: LEITURAS PÓS-COLONIAIS DE UM MITO E SUAS TRADUÇÕES

---

<sup>15</sup> Cantar de amigo de Gabriela – apêndice do quarto capítulo.

Jorge Amado foi um escritor movido pela utopia que se transformou num elogio rasgado da mestiçagem. O Brasil amadiano é mestiço, alegre e sensual e apresenta elementos de um país tão real como imaginário, do mesmo modo como seus livros permitem entender aspectos sociais e culturais fundamentais da própria sociedade brasileira. Se nas suas páginas desfilam sociabilidades de toda ordem, cruzamentos e contatos fáceis. (SCHWARCZ; GOLDENSTEIN, 2009, p. 8)..

Jorge Amado nasceu a 10 de agosto de 1912, no município de Itabuna, Bahia. Filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado. Ainda pequeno foi para Ilhéus, onde passou a infância. Fez os estudos secundários no Colégio Antônio Vieira e no Ginásio Ipiranga, em Salvador.<sup>16</sup> Nesse período, começou a trabalhar em jornais e a participar da vida literária, sendo um dos fundadores da *Academia dos Rebeldes*,<sup>17</sup> em 1928.

Quem não se lembra de sua presença farta e calorosa e de seu jeito informal e vivaz de existir? [...] Com um sorriso amplo de quem levava a vida com leveza e displicência [...] Camisas coloridas um tanto fora de moda, mas em sincronia com seu temperamento tropical. Maneiras falantes, mas sem rodeios e sem poses, de quem via a literatura como aventura [...] e não como exercício de nobreza intelectual. Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de escrever. Dizia ser um escritor e mais nada. (SCHWARCZ; GOLDSTEIN, 2009, p. 13).

---

<sup>16</sup> Dados do site da “Fundação Casa de Jorge Amado”, uma organização não governamental, cujo objetivo é preservar os acervos bibliográficos de Jorge Amado. Disponível em: <[http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=75](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75)>. Acesso em: 24 jul. 2013.

<sup>17</sup> “Academia dos Rebeldes”, como eram chamadas as reuniões de jovens literatos que pregavam “uma arte moderna, sem ser modernista”, antecipando a ênfase social e o teor realista que caracterizariam o romance do Movimento de 30. O grupo era liderado pelo jornalista e poeta Pinheiro Viegas e dele faziam parte Sosígenes Costa, Alves Ribeiro, Guilherme Dias Gomes, João Cordeiro, o etnólogo Edison Carneiro, entre outros.

Jorge Amado foi o mais importante romancista do século XX. Publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931. Casou-se pela primeira vez em 1933, com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha, Lila. Nesse ano publicou seu segundo romance, *Cacau*. Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935, sem jamais exercer a profissão. Militante comunista, Amado foi exilado na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944, separou-se de Matilde Garcia Rosa. Em 1945, foi eleito membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Jorge Amado foi o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Nesse mesmo ano, casou-se com Zélia Gattai. Em 1947, ano do nascimento de João Jorge, primeiro filho do casal, o PCB foi declarado ilegal e seus membros perseguidos e presos. Jorge Amado teve que se exilar com a família na França, onde ficou até 1950, quando foi expulso. Em 1949, morreu no Rio de Janeiro sua filha Lila. Entre 1950 e 1952, viveu em Praga, onde nasceu sua filha Paloma. De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se, em 1955, da militância política, sem, no entanto, deixar os quadros do Partido Comunista. Dedicou-se, a partir de então, inteiramente à literatura. Foi eleito, em 6 de abril de 1961, para a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis.

O conjunto da obra literária de Jorge Amado conheceu inúmeras adaptações para o cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de escolas de samba em várias partes do Brasil. Seus livros foram traduzidos para 49 idiomas, existindo

também exemplares em braile e em formato de áudio livro. Foi agraciado por diversos prêmios<sup>18</sup> e títulos,<sup>19</sup> nacionais e internacionais.

Jorge não escrevia livros, ele escrevia um país. E não era apenas um autor que nos chegava. Era um Brasil todo inteiro que regressava à África. Havia, pois outra nação que era longínqua, mas não nos era exterior. E nós precisávamos desse Brasil como quem carece de um sonho que nunca antes soubéramos ter. Podia ser um Brasil tipificado e mistificado, mas era um espaço mágico onde nos renasciam os criadores de histórias e produtores de felicidade. Descobríamos essa nação num momento histórico em que nos faltava ser nação. O Brasil — tão cheio de África, tão cheio da nossa língua e da nossa religiosidade — nos entregava essa margem que nos faltava para sermos rio. (MIA COUTO apud SCHWARCZ; GOLDSTEIN, 2008).<sup>20</sup>

Para o cenário de suas obras de maior destaque, Amado traz figuras do cotidiano, como os vagabundos, as prostitutas e os bêbados. Nessa tessitura, Amado revela a diversidade cultural da população baiana, o hibridismo racial do seu povo, o sincretismo religioso, sua culinária e o destaque para as figuras femininas.

O processo de tradução busca divulgar, ao grande público, obras e autores consagrados, sem desconsiderar a linguagem própria do meio de comunicação que será utilizado. Embora a tradução seja um processo muito comum, e de bastante sucesso de público, na atualidade, alguns críticos, ainda têm preconceito estético

---

<sup>18</sup> Entre os prêmios destacam-se: Stalin da Paz (União Soviética, 1951), Latinidade (França, 1971), Nonino (Itália, 1982), Dimitrov (Bulgária, 1989), Pablo Neruda (Rússia, 1989), Etrúria de Literatura (Itália, 1989), Cino Del Duca (França, 1990), Mediterrâneo (Itália, 1990), Vitaliano Brancatti (Itália, 1995), Luis de Camões (Brasil, Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1995) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997).

<sup>19</sup> Recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter sido feito Doutor Honoris Causa em 10 universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel. O título de Doutor pela Sorbonne, na França.

<sup>20</sup> Depoimento apresentado na “Noite de Leituras” de Jorge Amado, em São Paulo, no dia 25 de março de 2008 (SCHWARCZ; GOLDSTEIN, 2009).



com as obras adaptadas, por considerarem que elas seriam de qualidade secundária e, portanto, inferiores à original, já que, no processo de passagem de uma mídia para outra, nem sempre é possível reproduzir na íntegra os elementos da narrativa, então, se perderiam alguns elementos. Sobre essa polêmica esclarece Benjamin

[...] não é o maior mérito que uma tradução pode ter, sobretudo na própria época em que surge, fazer-se compreendida como se fosse um texto original. A verdadeira tradução é transparente. Ela não oculta o Original, nem lhe rouba luz. Pelo contrário ela faz com que a Língua pura, como que reforçada pelo seu próprio medium, incida com ainda maior plenitude sobre o original. (BENJAMIN, 2008, p. 38-39).

Na tradução, a obra fonte se tornará referência e, neste processo, sofrerá ajustes e transformações na linguagem, objetivos e formatos do gênero literário a qual será submetido, o que resulta num produto com características próprias. Dentre as inúmeras possibilidades de obras literárias traduzidas para o audiovisual, é interesse deste estudo a adaptação do livro *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, para o cinema. A primeira edição da obra amadiana é de 1958, e de lá para cá esta narrativa literária passou por diversas edições e traduções para diversas línguas e linguagens.

A primeira versão para a teledramaturgia aconteceu em 1960, realizada na época pela Rede Tupi. Em 1975, foi veiculada uma nova adaptação, na Rede Globo. Esta mesma emissora produziu uma versão cujo *remake*, em 2012, por conta da comemoração dos 100 anos do autor, com a assinatura de Walcyr Carrasco. A versão para o cinema foi produzida em 1983, e contou com a direção e roteiro de Bruno Barreto. As diferentes transformações pela qual passou a obra de Jorge Amado estão, basicamente, na questão estrutural do gênero pelo qual é submetido. Se pensarmos na narrativa escrita é possível identificar que a ação acontece em um cenário imaginário, a partir de descrições detalhadas expostas no enredo pelos

personagens, e que encontram seu sentido principal a partir da interpretação subjetiva do leitor. Na troca de linguagem é preciso respeitar a obra, sem esquecer que cada mídia tem suas particularidades. Nesse sentido, é consenso entre os estudiosos, discrepância entre a representação de Gabriela nas mais diferentes mídias.

Eu já vi Gabriela de todo jeito, até eu já fiz uma Gabriela. E eu perguntei para ele [Amado] como era a Gabriela fisicamente [...] “Olha, Gabriela não é isso que as pessoas fazem por aí. Gabriela é uma mulata de cabelo duro, mas ela é dengosa, é roliça.” Toda mulher de Jorge é roliça porque parece gordura, coisa assim de comer.[...] Então, ele disse: “ela tem todas as características do mulato cabo verde, que é esse mulato bonito do nariz afilado, cabelo meio liso ondulado.” (TEIXEIRA, 1993, p. 174 apud CALDAS, 2009, p. 70).

A oscilação que se percebe na imagem de Gabriela, nas diferentes mídias, tenha a ver com a flutuação da identidade mestiça no Brasil. Esta é a situação fronteiriça e conflituosa na qual se encontra a mulata, pois ela não é branca, mas também não é preta; porém, no caso das telenovelas, é certo que a ausência da mulher negra e a escassez da mulata nos papéis principais mostram o preconceito racial, bem como as exigências do mercado pelo padrão de beleza caucasiano branco.

Era a capa do livro que eu tinha feito com um quadro, porque aquilo ia ser exposto na Bienal do Livro em São Paulo. Então Alfredo Machado (editor) trouxe aquilo e disse: “Você fez um negócio desse e não pode. Eu não vou colocar uma velha na capa do livro.” Eu disse que foi o Jorge quem me pediu para colocar essa velha. Ele disse: “Jorge não entende de livro, rapaz, quem entende de livro sou eu. Coloque uma mulher nova, bonita, porque mulher nova é que vende livro.” Então, eu fui fazer uma mulher nova. (TEIXEIRA, 1993, p. 180-181 apud CALDAS, 2009, p. 70).

Algo parecido pode ter acontecido nos casos das adaptações do romance amadiano para as telenovelas, nas versões de 1960, com Janete Vollu, 1975, com Sônia Braga e Juliana Paes, 2012 – esta última, além de fazer bronzeamento artificial, ainda precisava ficar horas se maquiando nos bastidores para se parecer com uma mulata – no papel principal. Além de haver uma restrição a personagens negras protagonistas – já que a elas eram relacionados apenas papéis subalternos – naquele momento, Sônia Braga era ícone de beleza, portanto era a aposta do momento para papéis de destaque. Então, a escolha da representante para a personagem considerava mais os interesses mercadológicos que a coerência com a obra ou mesmo o mal-estar com consequentes representações distorcidas.

Será que existe uma censura sutil, funcionando mediante o silêncio de algumas informações, da negação do que é considerado impróprio, ilegível, irreconhecível, do uso das coenunciações nas traduções, das imposições canônicas, dos cortes e modificações de texto, do uso das metáforas, dos estereótipos e da revitalização dos mitos, na busca de uma harmonia entre texto literário, modelo e público-alvo? (CALDAS, 2009, p. 70).

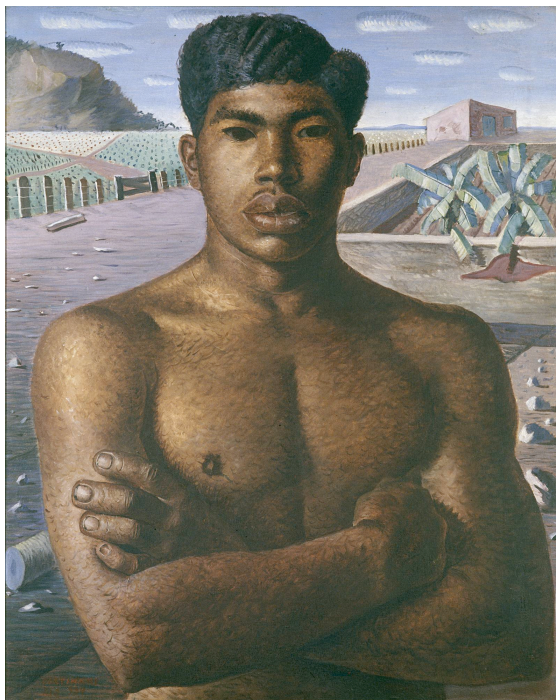
Sejam quais forem os critérios adotados para invisibilizar as mulheres negras e mulatas no cenário midiático, eles não se justificam e devem ser, energicamente, questionados, sabendo da importância das metáforas no processo de construção subjetiva e do mundo conceitual. Os estereótipos disseminados pela mídia repercutem negativamente nas relações sociais, quando passam a simbolizar o real. Talvez, o maior dano do ideal estético disseminado pela mídia seja apologia aos valores universais, bem a alienação diante do público desses padrões.

### 3 (DE)SABORES, CHEIROS E CORES: O MITO DA MULATA NA CULTURA BRASILEIRA: GÊNERO, RAÇA, E MESTIÇAGEM

#### 3.1 MESTIÇAGEM: UM LUGAR DE CONFLITOS

Todo brasileiro, mesmo o alvo de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. (FREYRE, 2006, p. 367).

**Figura 5 - Mestiço**



Fonte: Mestiço. Data: 1934. Pintura a óleo/ tela. 81 X 65.5 cm (I). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

A população brasileira é amplamente miscigenada, sendo que grande parte do seu povo é formado por descendentes de escravos africanos, oriundos do tráfico negroiro. A diversidade étnico-cultural é característica dos países que passaram

pelo processo colonial. Ao considerar esta pluralidade é possível prever quão complexa é a tarefa de classificar os brasileiros de acordo com critérios de cor e fazer uma pesquisa pontual sobre o processo de miscigenação que resultou numa nação, mormente mestiça.

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. (FREYRE, 2006, p. 70).

O fenômeno da mestiçagem no Brasil, pela sua complexidade, apresenta-se como um campo de estudo que desperta o interesse de um vasto número de pesquisadores dispostos a fomentar os debates oriundos desse processo, porque é importante discutir os fundamentos da construção da identidade nacional. Dentre os mais importantes estudiosos interessados pelo tema, destaca-se o sociólogo, antropólogo, historiador e escritor Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1933), que celebra a mestiçagem com uma leitura idealizada, porém minuciosa, sobre as relações raciais no Brasil, leitura esta que muito contribuiu para disseminar o “mito da democracia racial”.

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. (FREYRE, 2006, p. 160).

Ainda, segundo Freyre, sobre a formação da população brasileira, a miscigenação se deu pela porque havia um número muito pequeno de mulheres brancas que vieram acompanhando os portugueses ao Brasil, que fez com que esses homens se relacionassem com índias e negras. Fruto da relação, em princípio entre o homem branco e a mulher de cor, os mestiços são o resultado desse contato racial.

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. (FREYRE, 2006, p. 33).

A fim de adocicar, ainda mais, sua leitura sobre o processo de mestiçagem da nação brasileira, Freyre vale-se de um ditado popular, segundo ele citado pelo jesuíta André João Antonil nos tempos antigos, que dizia: "O Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas". (ANTONIL, 1982) Antonil acreditava que os mulatos ocupavam um lugar privilegiado em relação ao negro. Discursos como estes reforçavam o desejo de branqueamento por trás do mito da democracia racial.

O pensamento de Freyre foi adaptado por Salazar, em 1940, a fim de confirmar a condição exclusiva de Portugal como colonizador dos trópicos. O Luso-tropicalismo caracterizou-se pela forte tendência a naturalizar o colonialismo, minimizar o racismo, simular uma convivência amistosa entre colonizador e colonizado. Além disso, esse modelo político tinha o objetivo de promover o multiculturalismo, ou seja, a assimilação de diferentes culturas num mesmo espaço, o que a princípio parecia ideia atraente, escondia, em seu bojo, efeitos nocivos para as culturas periféricas, como a supressão da sua identidade pela cultura dominante.

O Brasil, embalado pela emergência do modelo freyriano, é palco das mais variadas construções identitárias possíveis, como é o caso da mulata, que se destaca pela beleza tropical, a sensualidade, o exotismo e a disponibilidade. Essas marcas, estrategicamente comercializáveis, relacionam diretamente a mulata ao “bom selvagem”, conferindo-lhe um caráter primitivo.

[A] construção do pensamento do povo brasileiro ao longo da sua formação e das várias influências sofridas, tendo em vista as situações históricas, políticas e culturais, sabe-se que larga faixa do pensamento brasileiro foi produzida dentro de uma visão eurocêntrica, resultando numa relação Ocidente/ não Ocidente como exótica e sempre com uma imagem negativa do outro não ocidental. (CALDAS, 2009, p. 73).

No cenário literário a mulata é costumeiramente descrita pelo “*colorido da pele, distribuído por tons vários, expressos por confrontos diversos, o bem torneado de braços e pernas, [...] cintura fina, o busto insinuante e bem moldado, a boca sensual, de dentes sadios; os bastos cabelos negros; os olhos grandes e belos, quase sempre negros*” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975). Esse olhar exótico e primitivo sobre a mulher não branca no Brasil teria origem na carta de Carta de Pero Vaz de Caminha, quando o escrivão-mor descreve as índias que aqui viviam.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas [...] mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> A carta de Pero Vaz de Caminha. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2013.

Nesse trecho da carta é possível observar que Caminha destaca, além dos atributos físicos, a ausência de pudor ou constrangimento das índias em relação ao próprio corpo nu, motivo pelo qual muito se relacionou estes povos ao primitivismo. O fragmento da epistola citada é, automaticamente, lembrado na primeira impressão que Nacib tem de Gabriela, quando a encontra no mercado de escravos,<sup>22</sup> lugar onde os retirantes fugidos da seca e da fome do sertão esperavam por trabalho.

Foi quando surgiu **outra** mulher, vestida de trapos miseráveis, coberta de tamanha sujeira que era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrehados, imundos de pó, os pés descalços [...] - Acolá... - apontou um grupo com o dedo e novamente riu um **riso claro**, cristalino, **inesperado**. (AMADO, 2012, p. 107-108).

Nos dois excertos citados, o “outro” desperta interesse e estranhamento. Gabriela é o outro pós-moderno, cuja identidade é dada através da representação hegemônica, nesse caso o olhar amadiano revela um elogio às misturas raciais, especificamente à mulata, como produto desta mistura. Segundo Telles (2003), “assim, como o Brasil, muitos outros países que tiveram sua formação oriunda do sistema colonial defenderam a mestiçagem. Estas nações transformaram suas diferenças raciais em uma única entidade racial homogênea, criando uma raça.” Embora as teorias sobre as relações raciais no Brasil, a exemplo de *Casa grande & Senzala*, tenham um teor ideológico ou mesmo romantizados, elas passam a fazer parte da visão de nacionalidade e cidadania, muitas vezes, promovidas pelo próprio Estado. A elite latino-americana há tempos vem prescrevendo à mestiçagem um

---

<sup>22</sup> [...] mercado dos escravos. Alguém assim apelidara, há tempos, o lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho. [...] Amontoavam-se ali os sertanejos fugidos da seca, os mais pobres entre quantos deixavam suas casas e suas terras no apelo do cacau. [...] Tinham conseguido vencer os caminhos, a caatinga, a fome e as cobras, as moléstias endêmicas, o cansaço. (AMADO, 2012, p. 106).



fator positivo para as relações humanas. Porém, no bojo das “boas intenções” dessas elites, se esconde o desejo de branqueamento da população, uma perigosa armadilha que pode resultar supressão da cultura afro-brasileira.

[...] Colocar em dúvida nossa cultura é colocar em dúvida nossa própria existência, nossa realidade humana, e portanto estar disposto a tomar partido em favor de nossa irremediável condição colonial, já que se suspeita de que sejamos apenas um eco desfigurado do que se sucede em outra parte. (RETAMAR, 1988, p. 06).

A construção do pensamento do povo brasileiro, tendo em vista as situações históricas, políticas e culturais, foi processo espelhando na visão eurocêntrica. A história da formação da população brasileira foi concebida a partir do ponto de vista do branco, como o modelo freyriano, que destacava um país de convivência harmoniosa, com direitos e oportunidades iguais para brancos, negros e mestiços, por muito tempo camuflou a realidade vivida por esses povos, já que as relações raciais no Brasil colonial foram marcadas pelas diferenças sociais entre dominadores (brancos) e dominados (não brancos), em que aqueles disfrutavam de uma situação de privilégio e estes viviam em condições de miséria e exploração. Fernando Henrique Cardoso,<sup>23</sup> na apresentação de *Casa Grande & Senzala*, destaca estes aspectos.

[...] ao descrever os hábitos do senhor, do patriarca e de sua família, por mais que a análise seja edulcorada, ela revela não só a condição social do patriarca, da sinhá e dos ioiôs e iaiás, mas das mucamas, dos moleques de brinquedo, **das mulatas apetitosas**<sup>24</sup>, enfim, desvenda a trama social existente. E nesse

---

<sup>23</sup> Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, escritor e político brasileiro, fez a apresentação desta edição de 2003, (p. 9-18). Foi o 34º presidente do Brasil (1995-2002). Autor de vários livros, entre os quais destaca-se "Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional" (ed. Civilização Brasileira).

<sup>24</sup> Grifo meu.

desvendar, aparecem fortemente o sadismo e a crueldade dos senhores, ainda que Gilberto Freyre tenha deixado de dar importância aos escravos do leito, à massa dos negros que mais penava nos campos. É indiscutível, contudo, que a visão do mundo patriarcal de nosso autor assume a perspectiva do branco e do senhor. (FREYRE, 2006, p. 22).

Por mais que as teorias de democracia racial tenham incentivado as relações inter-raciais como algo positivo, elas não foram determinantes para a superação dos biologismos racistas predominantes nas relações sociais, porque, ainda que as divisões dos indivíduos por raça tenham sido cientificamente descartadas, essas divisões nunca deixaram de operar e fica evidente na disparidade social entre brancos e negros.

Atualmente a discussão sobre a mestiçagem no Brasil se destaca pelo discurso de afirmação da negritude. Kabengele Munanga, em sua obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (2008), faz uma abordagem sobre os impactos da mestiçagem no processo de branqueamento da população brasileira, que se originou com os discursos sobre identidade nacional, no fim do século XIX e início do século XX, em que a elite brasileira baseou-se em métodos eugenistas para branquear a nação. Munanga (p. 16) aponta esse ideal de um país mestiço como um fator que prejudica qualquer busca de identidade baseada na negritude, já que seria interesse de todos ingressarem um dia na identidade branca por julgarem-na superior. As dificuldades dos movimentos negros em mobilizar negros e mestiços em torno de uma única identidade “negra” viria do fato de que não conseguiram destruir até hoje o ideal de branqueamento. Essa proposta de uma nova identidade mestiça, única, vai à contramão dos movimentos negros e outras chamadas minorias, que lutam para a construção de uma sociedade plural e de identidades múltiplas. Abraçar a ideia da identidade mestiça seria cair numa armadilha ideológica.

Segundo o IBGE (2009), a população é mestiça, sendo que 84,7 milhões de brasileiros se declaram pardos, perdendo em número apenas para os que declaram brancos. O resultado se confirmou no censo de 2010, quando 96,7 milhões de brasileiros, ou seja, 50,74% da população se declaram negros ou pardos. As pessoas que se declaram brancas nesse último censo representam 47,73% da população. Apesar de os números apontarem o predomínio dos mestiços e afrodescendentes no Brasil, preocupa verificar que há uma grande exclusão socioeconômica dessa porção da população. Exemplo disso, os dados estatísticos que mostram que 71,6% dos brasileiros que não sabem ler são negros ou pardos, e apenas 5,3% deles possui diploma universitário. Esses resultados mostram a importância de medidas políticas como as ações afirmativas, que objetivam proporcionar oportunidades para os cidadãos, independente de sua aparência fenotípica.

O crescimento dos debates e a articulação política dos movimentos negro e feminista têm mudado o pensamento social e promovido mudanças significativas, a exemplo do conjunto de ações afirmativas vigentes atualmente no Brasil, sobretudo com as cotas raciais para ingresso de afro-brasileiros nas universidades e em outros órgãos públicos, o que faz ressurgir a necessidade e a importância da classificação racial e reforçar as perguntas sobre quem é branco e quem é negro no Brasil. Essas ações afirmativas são determinantes num momento emergencial de várias articulações identitárias que valorizam a diferença e que são resultados de uma intensa luta política dos movimentos negro e feminista em busca de seus direitos. Aquelas são medidas que visam reparar e diminuir a evidente desigualdade presente na sociedade brasileira, marcada pelo critério de raça, gênero e classe, em que os negros estão nas camadas mais empobrecidas e as mulheres nas mais oprimidas.

### 3.2 MULATA: UM CENTRO DE CRUZAMENTO ENTRE AS CULTURAS.

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, *la mestiza* enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. [...] Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? [...] Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? (ANZALDUA apud COSTA, 2005, p. 691).

De acordo com Young (2005, p. 13), “as várias teorias dão conta de que a palavra mulata vem de ‘mula’, que provém do cruzamento do cavalo e da jumenta ou da égua e do jumento que resulta num ser híbrido e estéril, a mula ou o mulo.” O que se acredita é que esta esterilidade se dá por um controle natural, por estes animais serem distintos entre a espécie. Tais crenças foram estendidas para os estudos da espécie humana, desse modo, estudiosos acreditavam que negros e brancos pertenciam a espécies diferentes e, conseqüentemente, o cruzamento entre as duas raças resultaria num ser estéril ou deficiente, o mulato.

Alguns poucos dentre eles [mulatos] se casaram aqui com os da sua própria compleição; mas tais arranjos foram geralmente deficientes ou infecundos. Eles parecem, a este respeito, ser realmente do tipo mulo, e não tão capazes de gerar entre si quanto o são a partir do comércio com um branco ou um preto bem definidos. (LONG, 1974 apud YOUNG, 2005, p. 8).

Segundo afirma Young (2005, p. 13), em tempos em que “os ideais humanitários de universalidade, homogeneidade e igualdade do iluminismo reinavam supremos”, as discussões sobre hibridismo tinham pouca relevância, pois acreditavam na singularidade humana. Por mais que pouca atenção se tenha dado para teorias como essas, o argumento foi recuperado pelos senhores a fim de

legitimar a dominação sobre negros e mestiços no período da escravidão e mesmo que se tenha provado, cientificamente, que brancos e negros pertencem a uma mesma espécie, esses argumentos não são abandonados e seguem operando em forma de preconceito, o que muda é apenas o lugar ou a denominação.

De acordo com Schmidt (2013), como “habitante desse lugar fronteiro a mulata é quase negra, ou quase branca (ou quase negra de tão pobre, como disse Caetano Veloso), a mulata recai numa armadilha identitária da qual não vê saída”. Esta situação de opressão da mulher de cor está diretamente ligada à sua subalternidade na sociedade patriarcal, na qual prevalece a supremacia masculina nas relações sociais, e na qual as mulheres exerciam papel secundário porque eram consideradas física e intelectualmente inferiores. Tal condição impulsionou o que Hall chamou de “movimentos de identidades fragmentadas” dentro do movimento feminista.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] à medida que os sistemas de representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, pelo menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Essas articulações se firmaram no espaço literário e aí foi documentada a situação de total submissão feminina pelo *outro* patriarca. Discussões como estas, dentro da crítica feminista, buscaram fortalecer as políticas inclusivas de identidade e mostrar que o “eu” (feminino) podia falar por “si” e que não precisava do “outro” (masculino) como intermediário para dizer o que era permitido. Era o movimento de articulação de uma identidade subalterna formada num entre-lugar para ressignificar-se. Desses processos de ressignificação nos espaços intermediários surge um novo sujeito: o feminino, se reconfigura com caracteres vários e fortalece a discussão que contesta o falocentrismo branco. Para Spivak (2010),

Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes as questões de gênero. Se no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino está ainda mais na obscuridade. (SPIVAK, 2010. p. 15-16).

No centro dos debates feministas está a condição marginal da mestiça; marcada pelas categorias gênero/raça/classe. Mary Pratt (1999), em seu trabalho, intitulado “A crítica na zona de contato nação e comunidade fora de foco”, destaca os aspectos interativos dos encontros coloniais e questiona o processo de construção de identidade dos grupos subordinados ou marginais resultantes da relação com uma cultura dominante. O resultado desses processos de interação, a autora chamou de *transculturização*.<sup>25</sup>

### 3.3 A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO DA MULATA

No centro destas representações de alteridade/alter-ego, pode encontrar-se a figura da mulata. Triplamente subalterna, triplamente desejável, para o olhar hegemônico: porque mulher, porque não branca, porque das classes populares. Ela é também o precipitado de um percurso de hibridização cujas linhas de poder são elididas a favor de uma retórica e de uma narrativa... (ALMEIDA, 2001. p. 34).

Para melhor entender esse processo de representação do “outro” recorre-se a Stuart Hall (SANTI; SANTI, 2008), na obra *The work of representation* (1997), segundo o qual os Estudos Culturais têm como objeto um novo e importante estudo

---

<sup>25</sup> Segundo Pratt (1999), o termo transculturização foi cunhado, pelo antropólogo e escritor Fernando Ortiz, fundador dos estudos afro-cubanos, em sua obra *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940) e incorporado nos estudos literários nos anos 90, em substituição ao termo desculturização e aculturação, considerados reducionistas.

da cultura, ancorado no conceito de representação, de acordo com o qual *“Representação significa usar a linguagem para significar algo, ou para representar o mundo de forma significativa, para outras pessoas e cultura como o conjunto de valores ou significados partilhados”*. A cultura é uma construção histórica, um produto coletivo no qual a mudança é um aspecto fundamental. Através da história da cultura, desenvolve-se um universo de legitimações. A partir dessas concepções é que se entende a formação das identidades como construção social, em que o outro é constituído através da linguagem dentro de um conjunto de costumes e valores de uma cultura ou comunidade. Para entender o processo de construção identitária da população mestiça no Brasil se deve considerar que esse processo teve sua origem no período colonial, em que negros e mestiços eram considerados inferiores.

Trata-se de uma representação do outro que se transforma e deforma de acordo com o ponto de vista do seu criador. Essa dessemelhança pode acontecer devido às grandes distâncias que o observador que o constrói não consegue dominar. E, exatamente porque não a domina, experimenta essa expressão desigual como semelhança. Essa dissimilitude, o tempo que ilude e as generalizações sempre em terceira pessoa, assumidas como padrão global na comunicação, contribuem para dificultar a observação da sociedade. (CALDAS, 2009, p. 74).

A mulata é um caso a parte, ela não é um nem outro, não é branca nem negra, mas tem um pouco dos dois. É precisamente esse caráter híbrido que a coloca em um lugar de destaque; está num entre-lugar em que, supostamente, tem mais privilégio em relação ao negro e menos privilégio em relação ao branco. Ela representa o exótico no imaginário social. “A transformação de mulher negra em mulata irresistível - do ponto de vista do homem branco - reconstrói a relação de

dominação, racial e sexual, enquanto resultado de atributos naturais mulheres negra e mulata” (GIACOMINI, 1994, p. 223).

No universo das representações, há uma grande recorrência das imagens de uma corporalidade sensual e amoral nas mulatas, tendo, como exemplo, a Gabriela amadiana, em que a mulata tem cheiro, sabor e cores<sup>26</sup> e que já no título caracteriza Gabriela “cravo e canela”, especiarias que remetem aos prazeres do olfato e do paladar, um apelo sexual para essa figura feminina. Conforme Caldas (2009, p. 2), “À Gabriela são associadas duas marcas diretas, como se fossem seu sobrenome: cravo e canela, uma referência direta à cor e ao sabor desses temperos, deixando subentendida a relação da mulata com o ato de comer, de degustar e saborear.” É na linguagem do corpo – um corpo descrito com base em critérios que remetem para o sexo e gênero e para a raça e condição social – que Amado pinta as diferenças e os seus leitores as compreendem. (ALMEIDA, 2000, p. 42).

Semelhante elemento de destaque na caracterização da personagem, Gabriela é a flor vermelha no cabelo. De acordo com Caldas (2009, p. 29), “vermelho da flor, na cultura brasileira, pode transmitir as sensações de energia, vibração, paixão, amor ardente, exibição sexual e atração, por ser a cor de maior comprimento de onda do espectro, a que causa mais impacto, a observada mais rapidamente e que chama mais atenção. A flor, como um componente da natureza, indica ingenuidade, produzindo uma relação entre cultura e natureza e se instala

---

<sup>26</sup> Em relação à centralidade dos aspectos sensoriais no universo amadiano, é interessante ressaltar que, em seus manuscritos pessoais, Jorge Amado atribui à riqueza sensorial da cultura popular baiana à mistura étnica; para ele, os elementos africanos teriam acrescentado aos valores europeus “outra cor” — na pele, os tecidos, nos artefatos, nas festas —, “outro ritmo” — na capoeira, no samba, nos afoxés de Carnaval, nos batuques — e outra consistência” — na comida e nas relações sociais. O escritor procurou transpor essa mesma perspectiva para sua ficção, considerando que a identidade se constrói também por seleções de cheiros, sabores, cores, texturas, ritmos, e pela maneira de senti-los. (GOLDSTEIN, 2014, p. 4).



num jogo polissêmico, pois, por estar no cabelo, confere a Gabriela poderes de sedução, poder sexual e paixão.”

O corpo da mulher negra, ligado à exploração e aos trabalhos domésticos, enquanto o da mulata, não muito diferente, era objeto de cobiça e satisfação sexual do homem branco. Esta realidade foi engenhosamente camuflada, e o que se difundia era o mito da mulata dócil e servil, a “boa selvagem,<sup>27</sup>” uma construção diretamente ligada ao período colonial, que foi ressaltada pelo Lusotropicalismo. Consequentemente, de acordo com Almeida (2009), em sua condição metafórica, *“a mulata brasileira apresenta-se como uma construção estética que mascara o processo político da sua construção. É isto que torna a figura social da mulata num campo armadilhado”*. Nesse sentido, como destaca Schmidt (2009), pode-se considerar que:

Nada mais “brasileiro” do que a associação clássica do corpo feminino ao desejo masculino. Por trás deste que aparenta ser um inofensivo consenso, residem, na verdade, sucessivas práticas de agressão às mulheres, limitadas em sua liberdade de movimentos e iniciativas, ou vendidas como produtos sedutores (as propagandas de cerveja na televisão aí estão, em nossas casas, para não nos deixar esquecer esse grande negócio que diariamente, e cada vez mais, é feito sobre o corpo da mulher). (SCHMIDT, 2009, p. 799).

A subalternidade feminina nos espaços de poder está relacionada ao seu histórico de opressão na sociedade patriarcal, então, definitivamente, foi um acontecimento emancipatório quando as mulheres romperam com os limites do ambiente doméstico, que as aprisionavam, conforme afirma Pratt:

---

<sup>27</sup> Para fazer uma alusão ao “bom selvagem” de Rousseau, que considerava as civilizações primitivas desprovidas de constrangimentos sociais.

[...] quando foi permitido a elas viajar, isto é, a adentrar espaços geográficos e sociais não governados pelas regras de domesticidade e do regime de reprodução heterossexual. Alguns tipos de viagem ofereciam formas particulares de liberação para mulheres e gays, e muitos deles nunca retornavam para suas casas. (PRATT, 2005).<sup>28</sup>

A tendência que destaca Pratt, de a mulher por muito tempo estar ligada ao ambiente doméstico e ao regime de procriadora, pode-se observar na obra *Gabriela, cravo e canela*, bem como a luta de algumas personagens femininas para fugir desse lugar comum, dentre as quais se destacam Gabriela e Malvina, aquela porque não se encaixa nesses padrões e esta por querer se libertar deles. No capítulo seguinte será aprofundada essa discussão, porque aqui é interessante atentar para como essa articulação do domínio patriarcal conferia à mulher uma identidade subalterna e objetificada, tomadas como fonte de prazer, símbolo de poder e moeda de troca entre os homens.

Essa representação como forma de pensar e de ver alguém, o “olhar estereotipado”, apaga as singularidades da visão e observação peculiares do indivíduo, endossa os discursos preconceituosos, discriminatórios, moralistas, estrategicamente construídos para a dominação e para uma evidente superioridade que impedem a demonstração das formas singulares da interdição e de uma censura velada. (CALDAS, 2009, p. 74).

E o avanço dos debates que possam promover políticas para mudar os critérios de representação e visão da mulata para que se possa romper com a imagem objetificada, bem como articular estratégia para aumentar a autoestima para que negros e mulatos possam afirmar, cada vez mais, sua identidade negra.

---

<sup>28</sup> Entrevista realizada por Bianca Soares e Orlando Costa, à revista “Habitus”, vol. 3, n. 1, de novembro de 2005. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.uftj.br/3pratt.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

Para isso é preciso mudar, e muito, o padrão de beleza elitizado, que rejeita a população afrodescendente, quando não faz apologia ao seu embranquecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primordialmente, o interesse em desenvolver este estudo, além do fascínio pela literatura, tem a ver com a relevância da discussão para o momento atual e a vontade de contribuir para a mudança de padrões que promovem a desigualdade social. A intenção do presente trabalho foi tecer reflexões acerca do mito que marca a mulher mulata, no Brasil, bem como as implicações da expressão “mulata”, considerando as divergências políticas deste termo, já que ser mestiço no país da miscigenação é estar sempre num lugar de conflito, é não ter uma identidade, isto porque ser mulato na Bahia não é o mesmo que ser mulato no Sul, onde a maioria da população é caucasiano-branca. Além do mais, os movimentos negros lutam para unir negros e mestiços numa mesma categoria para fortalecer a luta por uma identidade negra. Para alcançar esse objetivo e articular uma identidade baseada na negritude é preciso romper com o racismo que marginaliza a população de cor. A importância dessa discussão está presente em todos os capítulos desse trabalho, sobre como figurava, no passado, as mulheres negras e mulatas na literatura, aqui exemplificada pela personagem Gabriela. Por meio dos elementos presentes no romance, ou mesmo nas entrelinhas, foi possível discutir essa representação e seus efeitos nas relações sociais.

Consciente de que o tema mestiçagem no Brasil gera sempre debates polêmicos, fica evidente a importância de ampliar as pesquisas sobre essa problemática e que esses discursos possam, efetivamente, transpassar as fronteiras acadêmicas, de forma a serem reproduzidos nas escolas, na mídia e, conseqüentemente, nas relações sociais, porque esse, inquestionavelmente, é o resultado esperado de todo esse trabalho.

Esta pesquisa tem como principal objetivo enriquecer os debates que buscam romper com os estereótipos que marcam negativamente a figura da mulata

e destacar a importância dessas discussões para o processo de representação e construção da identidade da mulher negra, considerando esta identidade uma construção cultural concebida pelo olhar do homem branco, sabendo que, como brilhantemente lembra Pratt, “sobre a produtividade do poder (Foucault), o fato que o poder opera não só por meio da repressão, mais também pela produção de saberes, prazeres, mitos, estéticas, desejos, esquemas do futuro, identidades densas ainda que oprimidas ou subordinadas”.

Vale salientar que este trabalho é uma construção polifônica, oriunda dos vários debates vivenciados durante o curso, portanto, as possibilidades de aprimoramento das discussões são diversas. Portanto, seria muito oportuno continuar, visto que, com os resultados efetivos das ações afirmativas na realidade de negros e mestiços no Brasil, espera-se que haja mudanças no panorama ora apresentado nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Bom Livro).

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gabriela: um ícone denso e tenso na política da raça, gênero e classe em Ilhéus, Bahia. In: BUESCU, Helena C.; DUARTE, João (Orgs.). *Narrativas da modernidade: a construção do outro*. Lisboa: Colibri, 2001.

AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).

ARAÚJO, Clarice Fortunato. Por que as mulheres negras são minoria no mercado matrimonial? Artigo publicado nos anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, em Salvador, Bahia, 2011.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial Brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 979-985, set./dez., 2008.

AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. São Paulo: Ediouro, 2004.

AZEREDO, Sandra. Mestiçagem, igualdade e afirmação da diferença – pensando a política de cotas na universidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 320, set./dez., 2005.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

BASTIDE, Roger. *Brasil terra de contrastes*. Trad. Maria Isaura Pereira Queiroz. 5. ed. São Paulo: Editora Difusão Europeia do Livro, 1973.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. In: BRANCO, Lucia C. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane.(orgs.) *Mídia e racismo*. Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.248p.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2008. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 12 dez. 2013.

BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas).

CALDAS, Sônia Regina de Araújo. *Gabriela, baiana de todas as cores*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2003. Disponível em: <[http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com\\_remository&Itemid=56&func=fileinfo&id=208](http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=56&func=fileinfo&id=208)>. Acesso em: 20 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. *Mulheres em movimento*. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008)>. Acesso em: 20 maio 2013.

CORREA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 35-50, 1996.

COSTA, Claudia de Lima; AVILA, Eliana. Glória Anzaldúa. A consciência mestiça e o "feminismo da diferença". *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, p. 691-703, 2005.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres no sertão nordestino. In DEL PRIORE, Mary (org.): *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GIACOMINI, Sonia. Beleza mulata e beleza negra. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. especial, p. 217-227, 1994.

GILLIAM Ângela; GILLIAM Onika. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 525-543, jul. 1995.

Disponível

em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471/15041>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado*. Disponível em:

<<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/06.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação de desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Lisboa: Presença, 1952.

LOPES, Nei. *O Racismo explicado aos meus Filhos*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOTTER, Maria Lourdes. Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura \_ Ficção Televisiva, 2003.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, N. L. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2008.



\_\_\_\_\_. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estud. av., Abr.* v. 18, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio (Orgs.). *Raça - Novas perspectivas antropológicas*. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia, EDUFBA, 2008.

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. Trad. Felipe Guimarães Soares. *Travessia: Revista de Literatura*, n. 38, p. 7-29, 1999.

QUEIROZ Júnior, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

RETAMAR, Roberto Fernández. *Caliban e outros ensaios*. Trad. Maria Elena Matte Hiriart e Emir Sader. São Paulo: Busca Vida, 1988.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1999.

SANTI, Heloíse C. & SANTI, Vilson J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação* Ano 2 - Edição 1 – Setembro/Novembro de 2008

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHMIDT, Simone Pereira. Cravo, canela, bala e favela. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 799-817, dez. 2009.

SCHMIDT, Simone Pereira. Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africana e brasileira. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 99-114, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. *Estud. av.*, v. 8, n. 20, abril de 1994. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 nov. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX*. Afro-Ásia. Salvador, n. 18, p. 77-101, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana. O Universo de Jorge Amado. Orientações para o trabalho em sala de aula. *Caderno de Leituras*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. Cia das Letras, 2009.

SEGATO, Rita Laura. *Raça é signo*. Série Antropológica. Brasília: UnB, n. 372, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina GOULART Almeida, FEITOSA, Marcos Pereira; André Pereira FEITOSA, André Pereira. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

YOUNG, Robert. *Desejo Colonial*. Hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

**ANEXO 1**

**AS VÁRIAS INTERFACES DE GABRIELAS NO CINEMA E NA  
TELENOVELA**

**Figura 1 – Janete Vullu**



Fonte: Site VEJA/ABRIL

**1ª Versão de Gabriela, em telenovela.**

**Título: Gabriela**

**Gênero: Telenovela**

**Adaptação: Antônio Bulhões de Carvalho**

**Direção: Maurício Sherman**

**No papel-título: Janete Vullu  
Rede Tupi, 1961.**

**Figura 2 - Sônia Braga**



Fonte: Blog: “É da sua época”

**2ª Versão de Gabriela, em telenovela**

**Título: Gabriela**

**Gênero: Telenovela**

**Adaptação: Walter George Durst.**

**Direção: Walter Avancini.**

**No papel-título: Sônia Braga  
Rede Globo, 1975.**

**Figura 3 - Juliana Paes**



Fonte: Blog "O povo"

**3ª Versão de Gabriela, em telenovela.**

**Título: Gabriela**

**Adaptação: Walcyr Carrasco.**

**Direção: Roberto Talma**

**No papel-título: Juliana Paes**

**Emissora: Rede Globo, 2012.**

## VERSÃO DE GABRIELA PARA O CINEMA

**Figura 4 - Sônia Braga**



**Título: Gabriela**

**Gênero: cinema**

**Adaptação: Bruno Barreto**

**Direção: de Bruno Barreto, Flávio**

**Tambellini e Leopoldo Serran**

**No papel-título: Sônia Braga**

**Produção: Harold Nebenzal e Ibrahim**

**Moussa**

Fonte: Site "Adoro cinema"

## ANEXO 2

### ADAPTAÇÕES DAS OBRAS DE JORGE AMADO PARA O CINEMA

1. **Tenda dos Milagres** - Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1977.
2. **Gabriela** - Direção de Bruno Barreto, 1983.
3. **Jubiabá** - Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1987.
4. **Tieta do Agreste** - Direção de Cacá Diegues, 1996.
5. **O capeta Carybé** (documentário) - Direção de Arnaldo “Siri” Azevedo, 1996.

### ADAPTAÇÕES DAS OBRAS AMADIANAS PARA TELEVISÃO

1. **Gabriela** - Novela. Adaptação de Antônio Bulhões de Carvalho. Direção de Maurício Sherman. Rede Tupi, 1961.
2. **Gabriela** - Novela. Adaptação de Walter George Durst. Direção de Walter Avancini. Rede Globo, 1975.
3. **Gabriela** - Novela. Adaptação de Walcyr Carrasco. Direção: Roberto Talma. Rede Globo, 2012
4. **Terras do sem-fim** - Novela. Adaptação de Walter George Durst. Direção de Herval Rossano. Rede Globo, 1981.
5. **Tenda dos Milagres** - Minissérie. Adaptação de Aguinaldo Silva e Regina Braga. Direção de Paulo Afonso Grisolli, Maurício Farias e Ignácio Coqueiro. Rede Globo, 1985.
6. **Capitães da Areia** - Minissérie. Adaptação e roteiro de José Louzeiro e Antônio Carlos Fontoura. Direção de Walter Lima Jr.. Rede Bandeirantes, 1989.

7. **Tieta** - Novela. Adaptação de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares. Direção de Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury e Luiz Fernando Carvalho. Rede Globo, 1989.
8. **Tereza Batista cansada de guerra** - Minissérie. Adaptação de Vicente Sesso. Direção de Afonso Grisolli. Rede Globo, 1992.
9. **Tocaia Grande** - Novela. Adaptação original de Duca Rachid, Mário Teixeira e Marcos Lazzarine, concluída por Walter George Durst. Direção
10. **Dona Flor e seus dois maridos** - Minissérie. Adaptação de Dias Gomes. Direção de Mauro Mendonça Filho. Rede Globo, 1997.